

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Maria Antonieta da Mota Ferreira

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientado por

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança
Junho de 2013

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Maria Antonieta da Mota Ferreira

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientado por

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança
Junho de 2013

Aos meus amados pais
Madalena e Jorge

À minha irmã
Clara

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Mário Cardoso, pela sua orientação, por todo o seu empenho, e paciência;

À Professora Isabel de Castro, por toda a sua dedicação, amizade e orientação;

Às Professoras Cooperantes, a Professora Luísa Alves, Luísa Monteiro e Ivone Sousa, por toda a sua partilha, companheirismo e generosidade;

Ao Agrupamento de Escolas Vallis Longus e Dr. Manuel Pinto Vasconcelos, por me terem recebido tão bem e por todo o apoio;

A todos os alunos das turmas do 2ºAV e 6ºL do ano letivo 2011/2012 e aos alunos do 8º G do ano letivo 2012/2013;

Aos meus pais, Madalena e Jorge, por todo o incentivo, apoio, carinho e amor que sempre me deram;

À minha irmã, Clara, por todo o companheirismo e por toda a alegria que me transmite;

Aos meus familiares que sempre me apoiaram;

Aos meus amigos, Cláudia, Ticha, Marta e Carlos, pela amizade que sempre demonstram, nos bons e nos maus momentos;

Às minhas amigas e companheiras de sempre, Solange e Nélia, por tudo o que passamos juntas.

RESUMO

O presente *Relatório de Estágio* tem como objetivo relatar todo o desenvolvimento da minha Prática de Ensino Supervisionada no Ensino Básico, fazendo referência a todas as questões que estão inerentes a esta prática, portanto, um suporte teórico e conceptual sobre alguns fatores relacionados com o processo de ensino-aprendizagem, é parte integrante deste documento, assim como as contextualizações dos meios escolares, as caracterizações das escolas e das turmas onde desenvolvi as minhas Práticas Pedagógicas nos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico.

Uma descrição fundamentada e reflexiva das experiências de aprendizagem desenvolvidas ao longo de toda a minha Prática de Ensino Supervisionada, nos referidos ciclos, também integra o presente documento.

Palavras-Chave: Prática de Ensino Supervisionada, Didática, Música, Educação Musical, Ensino Básico.

ABSTRACT

This Post Training Essay aims to report all of my Supervised Teaching Practice development in Basic Education, mentioning all the questions around this practice. Therefore, a theoretical and conceptual support about some factors related to the teaching-learning process, is an important part of this document, as well as the teaching environment context, the features of schools and the features of the classes where I developed my Teaching Practice in 1st, 2nd and 3rd grades of Basic Education.

A full and reflexive description of my learning experiences developed through my whole Supervised Teaching Practice in those grades is also part of this document.

Keywords: Supervised Teaching Practice, Teaching, Music, Musical Education, Basic Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EB - Ensino Básico

PES - Prática de Ensino Supervisionada

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Índice

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	vii
INTRODUÇÃO	1

Capítulo I

SUPOORTE TEÓRICO E CONCEPTUAL	3
Introdução	4
1.1. A Didática e o Contexto Didático	4
1.2. Metodologia Didática	7
1.3. Estratégias de Ensino	9
Síntese	14

Capítulo II

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	
NO 1.º E NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO	15
Introdução	16
2.1. Contextualização do Meio Escolar	18
2.1.1. 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico	18
2.2. Caracterização da Escola	19
2.2.1. Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico	19
2.2.2. Escola do 2.º Ciclo do Ensino Básico	21
2.3. Caracterização da Turma	23
2.3.1. Turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico	23
2.3.2. Turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico	24
2.4. Experiências de Aprendizagem	25
2.4.1. Descrição e Reflexão Crítica no 1.º Ciclo do Ensino Básico	25
2.4.2. Descrição e Reflexão Crítica no 2.º Ciclo do Ensino Básico	30
Síntese	34

Capítulo III

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO	36
Introdução.....	37
3.1. Contextualização do Meio Escolar	39
3.1.1. 3.º Ciclo do Ensino Básico	39
3.2. Caracterização da Escola	40
3.2.1. Escola do 3.º Ciclo do Ensino Básico	40
3.3. Caracterização da Turma.....	42
3.3.1. Turma do 3.º Ciclo do Ensino Básico	42
3.4. Experiências de Aprendizagem	43
3.4.1. Descrição e Reflexão Crítica no 3.º Ciclo do Ensino Básico	43
Síntese	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICES	54
ANEXOS	70

Índices de Imagens

Imagem 1. Localização da cidade de Valongo	19
Imagem 2. Escola Básica de Valado	20
Imagem 3. Escola Básica 2,3 de Valongo	22
Imagem 4. Localização da freguesia de Freamunde.....	39
Imagem 5. Escola Básica e Secundária de Freamunde	40

Índice de Figuras

Figura 1. Planta da sala de aula (1.º ciclo).....	20
Figura 2. Planta da sala de aula em 3D (1.º ciclo).....	21
Figura 3. Planta da sala de aula (2.º ciclo).....	22
Figura 3. Planta da sala de aula em 3D (2.º ciclo).....	23
Figura 4. Planta da sala de aula (3.º ciclo).....	41
Figura 5. Planta da sala de aula em 3D (3.º ciclo).....	42

Índice de Apêndices

Apêndice A – 1.º Ciclo do Ensino Básico	55
Apêndice B – 2.º Ciclo do Ensino Básico	58
Apêndice C – 3.º ciclo do Ensino Básico	61

Índice de Anexos

Anexo A – Documentos referentes à Escola Básica e Secundária de Freamunde	72
---	----

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios que a escola é vista como a proprietária do conhecimento, como tal, é defendido, que a mesma tem a função de ensinar e de formar os jovens para que estes se preparem para o futuro. Logo, a “A busca de conhecimento parece ser permanente na trajetória humana, desde o princípio da humanidade” (Cruvinel, 2005, p.28), indo ao encontro da educação, sendo que, a par com esta educação, temos a música, que também tem estado presente desde sempre, despertando no ser humano, capacidades imprescindíveis ao seu desenvolvimento, como por exemplo, a coordenação motora. Assim, juntando estes dois conceitos, temos a Educação Musical¹ (EM) como disciplina integrante nas nossas escolas, onde, como está mencionado no *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais*, “A música é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos (...)” (Ministério da Educação, 2001, p. 165).

Durante a formação de um professor de Educação Musical para o Ensino Básico, além dos conceitos teóricos, questões relacionadas com a prática pedagógica devem ser abordadas. Neste sentido, a Unidade Curricular denominada Prática de Ensino Supervisionada² (PES) faz parte do Plano Curricular do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, onde, referindo especificamente à minha PES, a mesma, incidiu sobre os três Ciclos do EB, o 1.º, o 2.º e o 3.º, logo, o presente Relatório de Estágio tem como objetivo relatar todo o processo inerente à referida prática pedagógica, expondo e refletindo todo o meu trabalho desenvolvido em cada ciclo de ensino.

Recorrendo a Sousa (2008, p.79), referindo-se a Edwin Gordon, “o ensino é uma arte, mas a aprendizagem é um processo”, sendo que o ensino nunca pode ser separado da aprendizagem, na medida em que estes dois conceitos se complementam. Neste sentido, várias questões relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem, foram abordadas.

¹ Que passarei a designar por EM.

² Que passarei a designar por PES.

Considero que seja importante referir que, para tornar o presente documento exequível, foram lidas e exploradas, diversas obras literárias, de diferentes autores, assim como artigos científicos, teses de mestrado e doutoramento, entre outros. Assim sendo, o documento está dividido em três capítulos, que, por sua vez, se subdividem.

No primeiro capítulo, é possível encontrar-se um quadro teórico ou conceptual, que faz referência a questões relacionadas com a didática, com o contexto didático, com a metodologia didática e com as estratégias de ensino. O capítulo que aparece em segundo lugar, faz uma abordagem generalizada, fundamentada e reflexiva de todos os processos inerentes à minha PES no 1.º e no 2.º Ciclo do EB, onde, as caracterizações dos meios, das escolas e das turmas, correspondentes a cada ciclo de ensino, estão presentes, assim como uma abordagem feita às experiências de ensino-aprendizagem proporcionadas aos alunos em cada ciclo.

O terceiro capítulo, com uma estrutura semelhante ao anterior, refere-se a questões relacionadas com a minha PES no 3.º Ciclo do EB, onde, a caracterização do meio, da escola e da turma onde a mesma foi desenvolvida estão presentes. A descrição fundamentada e crítica das experiências de aprendizagem inerentes à PES neste ciclo de ensino também é um ponto abordado neste Relatório de Estágio, que acaba com as considerações finais, que se baseiam na reflexão de tudo o que foi feito, evidenciando perspetivas futuras.

CAPÍTULO I – SUPORTE TEÓRICO E CONCEPTUAL

Introdução

O primeiro capítulo deste Relatório de Estágio tem como objetivo tratar algumas questões inerentes ao ato de ensinar, pois, para um professor, a reflexão e a busca do conhecimento é algo imprescindível, uma vez que é lhe dada a responsabilidade da tarefa de educar, de ensinar, sendo que o “Educar é uma das acções que definem a nossa humanidade. O ser humano transcende o seu status animal através da Educação, (...) já que compreende, re-elabora, reflecte, cria e recria, critica, aprende e é capaz de ensinar” (Ferraz, 2011, p.15).

O conceito de Didática e o Contexto Didático, são os primeiros pontos a serem abordados, seguindo-se um texto que aborda questões inerentes à Metodologia Didática, onde são apresentados e descritos, alguns métodos de ensino mais gerais e outros especificamente da área da EM.

O último ponto deste capítulo, trata uma questão muito peculiar, a questão das estratégias de ensino, expondo e explicando, de forma sucinta, algumas estratégias, seguindo o ponto de vista de diferentes autores.

1.1. A Didática e o Contexto Didático

Falar de educação sem falar de didática é algo inconcebível e que não pode acontecer, logo, neste primeiro ponto deste capítulo, a tentativa de definir a didática e o contexto didático, passando por algumas questões que lhes estão inerentes, assume um papel de destaque.

Começando por mencionar Zaragozá (2009, p.15³), que afirma “A didática, como a ciência prática da educação, está destinada a formar, instruir ou aperfeiçoar mediante o processo de ensino e aprendizagem.” onde, “(...) a didática de cada disciplina tem por objecto o estudo dos problemas do ensino e aprendizagem dessa mesma disciplina e as respectivas implicações na formação de professores” (Ponte, s.d., p.4), é possível afirmar que a didática é vista como uma ciência, que tem como objeto

³Tradução livre de: “La didática, como la ciencia práctica de la educación, está destinada a formar, instruir o perfeccionar mediante el proceso de enseñanza y aprendizaje” (Zaragozá, 2009, p.15).

de estudo o processo de ensino-aprendizagem, onde a prática e a teoria se encontram. Pois, um professor não pode lecionar sem ter uma formação devidamente feita, ou seja, sem ter conhecimentos teóricos, contudo, é certo que se vai aprimorando, a todos os níveis, à medida que a sua prática vai aumentando, à medida que entra em contacto com a realidade, neste sentido:

“O professor necessita sim dominar as técnicas e métodos de ensino, mas também precisa de uma formação concreta com subsídios teóricos e práticos (...). A prática pela prática torna-se vazia, o processo de ensino não contextualizado torna-se não significativo para o aluno” (Baradel, 2007, p.14).

Seguindo esta linha de raciocínio, encontramos um professor dotado de conhecimentos teóricos e práticos, que deve saber orientar e incentivar, onde a capacidade de resolver determinados problemas, recorrendo à criatividade, à inovação e à invenção, se deve fazer sentir. Pois, perante uma aula repleta de momentos e situações inesperadas e diferentes entre si, cabe ao docente saber geri-las, saber resolve-las, de forma a tirar partido das mesmas. E é precisamente a esta capacidade, a este “Conhecimento de procedimentos” (Zaragóza, 2009, p. 18)⁴, que é dado, segundo Zaragóza (2009), um lugar de destaque, pois, é algo imprescindível ao perfil de um professor, que deve saber agir, saber fazer, saber improvisar e saber gerir todas as variáveis que vão surgindo ao longo da aula, estando sempre em constante atualização, no sentido em que se vai apercebendo dos sinais que lhe são dados, sinais estes que surgem da interação existente na sala de aula, usando-os para melhorar a mesma, de forma a que o processo de ensino e aprendizagem se realize da melhor maneira, levando, até ao aluno, o conhecimento.

Assim, mencionando agora Mattos (s.d., p. 47), a “Didática é a disciplina pedagógica de carácter prático e normativo que tem por objeto específico a técnica do ensino, isto é, a técnica de incentivar e orientar eficazmente os alunos na sua aprendizagem.”, sendo que uma aula pode ser entendida como um conjunto de interações, onde vários fatores se relacionam entre si. Contudo, “ (...) o espaço da sala de aula começa a ser percebido como um cenário complexo, (...) Reconhece-se a presença (...) de novas variáveis no espaço pedagógico da sala de aula” (Santos, 2003, p.139).

⁴ Tradução livre de: “Conocimiento procimental” (Zaragóza, 2009, p. 18)

Recorrendo a Ferrández (1984, citado por Zaragóza, 2009), iremos agora clarificar algumas questões relacionadas com o contexto didático, onde, o aluno, o professor, os objetivos, os conteúdos e a metodologia didática são os cinco elementos considerados relevantes, que se relacionam de modo a criar determinadas sequências, que podem ser alteradas. Tomemos como exemplo “A sequência objetivos de aprendizagem, conteúdos e metodologias e tipo de atividade (...)”⁵ (p.39), sendo que esta não é a única a poder ser usada, logo, outras sequências podem se formar e esta pode até ser alterada, mediante as necessidades que se façam sentir, pois, recorrendo à prática, é certo que nem sempre o professor consegue dar a sua aula conforme havia planeado, assim, caso haja necessidade, altera-se o que foi planeado e faz-se uma reestruturação da sequência previamente estabelecida.

Ainda seguindo a explicação de Ferrández (*idem*), existem determinadas experiências, que são vivenciadas pelos alunos, que condicionam a dinâmica da aula, independentemente das ações pedagógicas do professor, pois, o aluno é um ser completo que se constrói, vivenciando variáveis tipos de situações. Assim, fatores ditos mais externos ao contexto didático, mas que influenciam, e muito, a dinâmica da aula, também marcam presença, como fatores fundamentais, no referido contexto, como as aprendizagens que são obtidas em outras disciplinas, donde surgem as relações com outros professores, outros métodos de ensino, outros discursos, enfim, outras experiências de aprendizagem que determinam, no aluno, os seus valores, os seus gostos, o seu comportamento, a sua forma de estar e de pensar, o que, obviamente, vai interferir na dinâmica da aula.

A gestão normativa e os valores da escola também influenciam a dinâmica da aula, como por exemplo, os protocolos existentes que se referem às faltas injustificadas do aluno, a forma como lhe dizemos que deve entrar e sair da sala de aula, as regras existentes, que deve cumprir durante o intervalo, entre outros, “ (...) incidem significativamente (...) na aulas e condicionam a sua gestão” (Zaragóza, 2009, p. 40)⁶,

⁵ Tradução livre de: “La secuencia objetivos de aprendizaje, contenidos y metodología y tipo de actividad (...)” (Zaragóza, 2004, p. 39).

⁶ Tradução livre de: “ (...) inciden significativamente (...) las aulas y condicionan su gestión” (Zaragóza, 2009, p. 40).

sendo que as aprendizagens que o aluno vivencia fora dela, e até mesmo fora da escola, também são parte integrante no contexto didático, influenciando a dinâmica das aulas.

Assim, concluindo, a dinâmica da aula e a qualidade das aprendizagens são fatores influenciados pelos cinco elementos relevantes, anteriormente mencionados, (a metodologia didática, o docente, o discente, os conteúdos, os objetivos) e pelos outros três fatores, de caráter mais global, mas de igual forma influenciadores, (as aprendizagens das outras disciplinas, a gestão normativa e valores da escola e as aprendizagens fora das aulas), que se relacionam e influenciam entre si.

1.2. Metodologia Didática

Lecionar uma aula é uma tarefa que envolve variados processos, onde diversos métodos didáticos são utilizados pelo docente para conceber a referida aula. Como tal, a metodologia didática, ou seja, os métodos utilizados e seguidos pelo docente, são parte integrante e de enorme relevância no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, “Ensinar quer dizer, em primeiro lugar, indicar, mostrar” (Not, 1991, p.13). Mas como indicar e como mostrar? Ou seja, como deve o professor ensinar? É precisamente respondendo a estas questões, que nos deparamos com os métodos de ensino. Sendo que, o “Ensinar consiste (...) em desenvolver uma ação especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessário (Roldão, 2010, p.14). Logo, o professor deve refletir sobre o como lecionar a aula, ou seja, deve ter um método, sendo que, para Zaragóza (2009), o docente metódico, que tem um método de ensino, é um docente que planifica, que organiza, que sabe o que faz, que atua com rigor e que, tendo consciência que está a usar um ou mais métodos, sabe avaliar os mesmos, na medida em que distingue os pontos mais positivos ou mais negativos desses mesmos métodos, de forma a evoluir e a tirar um maior proveito destes.

Segundo Not (1991), existem três formas de transmitir o conhecimento, sendo elas, a transmissão, a persuasão e a descoberta por parte da pessoa que recebe esse conhecimento. No entanto, apenas uma dessas formas de transmitir conhecimento é

escolhida como “princípio fundamental a partir do qual desenvolvemos toda a educação cognitiva. Estes diferentes processos de formação são aplicados em sistematização a que chamamos métodos pedagógicos” (idem, p.13). Logo, é de fácil compreensão que existam vários métodos pedagógicos diferentes entre si, pois, a referida sistematização pode ser realizada de variadas maneiras diferentes, oferecendo-nos diferentes métodos, que podem, porventura, coincidir uns com os outros em determinados pontos.

Sendo a metodologia didática “(...) um grupo de dispositivos pedagógicos, tanto técnicos como heurísticos, que, combinados, configuram uma forma de ensinar” (Zaragóza, 2009, p.214)⁷, é possível afirmar que o conjunto de procedimentos, de estratégias, entre outros, que se decidem utilizar durante a aula, compõem um método didático, sendo que, só a partir do momento em que o professor começa a ter consciência, a questionar-se, a refletir sobre o que está a fazer, procurando fundamentação, procurando os argumentos, é que o método didático começa a surgir.

Contudo, é comum o docente não conseguir, na maior parte dos casos, dizer com clareza qual é o método de ensino que utiliza, e isso acontece porque é “complicado encontrar uma etiqueta ou um termo pedagógico que sintetize o método ou métodos que utiliza para ensinar” (Zaragóza, 2009, p. 214)⁸.

Antes de mencionar alguns métodos de ensino, refiro o modelo pedagógico tradicional que, embora seja um modelo que remeta ao passado, ainda continua a ser muito utilizado e caracteriza-se apenas pela transmissão de conhecimentos, onde, recorrendo a Saviani (1991, citado por Leão, 1999, p. 189), o professor “expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. Sendo que o professor ocupava um papel de destaque, ficando, o aluno em segundo plano, logo, “este modelo não respeita os estádios do desenvolvimento cognitivo das crianças e manifesta pouca abertura para a individualização e flexibilização das aprendizagens. Essas são as razões que o tornam menos recomendável para as escolas básicas” (Marques, 1999, p.9).

⁷ Tradução livre de: “ (...) un grupo de dispositivos pedagógicos, tanto técnicos como heurísticos, que, combinados, configuran una forma de enseñar.” (Zaragóza, 2009, p. 214).

⁸ Tradução livre de: “complicado encontrar una etiqueta o un término pedagógico que sintetice el método o métodos que utiliza para enseñar” (Zaragóza, 2009, p. 214).

Fazendo referência agora aos métodos de ensino, um exemplo, é o método expositivo ativo, exposto por Zaragóza (2009), onde, os conhecimentos prévios dos alunos já são tidos em conta, assim como a intervenção ativa dos mesmos. Contudo, quando o objetivo do método é guiar o aluno, fazendo com que este chegue, por dedução ao que está a ser ensinado, estamos perante o método por descobrimento guiado. Assim, indo ao encontro destes dois métodos, encontramos o modelo pedagógico experimental de Maria Montessori⁹ que defende que, “ensinar não é sinónimo de guiar, dar ordens, forjar ou modelar a mente da criança, mas sim criar ambientes onde a criança possa experimentar, manipular, agir, trabalhar e assimilar a informação produzida” (Marques 1999, pp. 22-23).

Para concluir este tópico, Zaragóza é outra vez mencionado, na medida em que apresenta um método específico para a aula de música, sendo ele o método “ (...) ensinar para a prática autotélica (...) e deve entender-se como uma maneira de fazer e sentir, uma atitude didática que impregna o ensino do conteúdos musicais para promover experiências plenas e gratificantes, com e para a música ” (Zaragóza, 2009, p. 258)¹⁰. Neste sentido, este método é visto como próprio do ensino artístico, da EM, uma vez que o autotélico é designado como algo que é executado em que a sua finalidade baseia-se apenas e só na satisfação que é provocada pela própria execução em si.

1.3. Estratégias de Ensino

Tentar definir o que é e para que serve uma estratégia de ensino, é uma tarefa bastante complicada, dado que o ensinar envolve variadas questões onde o docente, recorrendo de forma organizada a vários dispositivos, previamente adquiridos, promove, ativamente a aprendizagem do aluno, contudo, essa aprendizagem só é conseguida se o aluno desenvolver determinados procedimentos de apropriação. No entanto, é claro para todos nós, que o modo como se ensina influencia diretamente essa mesma apropriação

⁹ Maria Montessori nasceu em 1870, na cidade de Chiaravalle, foi médica e pedagoga, falecendo no ano de 1952 (Marques, 1999, p. 19).

¹⁰ Tradução livre de: “ (...) enseñanza para la práctica autotélica (...) debe entender como una manera hacer y sentir, una actitud didáctica que impregna la enseñanza de los contenidos musicales para promover experiencias plenas y gratificantes, con y desde la música” (Zaragóza, 2009, p. 258).

do conhecimento, por parte do aluno, assim, chegamos às estratégias de ensino e ao processo de ensino-aprendizagem.

Apelando a Zaragóza (2009), e indo ao encontro do que já foi mencionado, é possível afirmar que existem dois tipos de estratégias, as estratégias de ensino e as estratégias de aprendizagem, sendo que ambas se complementam e são indissociáveis, uma vez que:

(...) uma estratégia de ensino refere-se às ações que o docente aplica para facilitar ao aluno um procedimento profundo do conhecimento, referindo as atividades e tomando decisões para que o conteúdo se apresente com a máxima significação, estimulando, ao mesmo tempo, a atenção e o interesse. Uma estratégia de aprendizagem, por outro lado, é uma sequência intencional de procedimentos e habilidades que o aluno usa de forma consciente para aprender da melhor forma possível (p. 264).¹¹

Assim, o aluno torna-se um ser autônomo no momento em que gere a informação dada pelo docente.

Fazendo referência, agora, apenas às estratégias de ensino, e continuando a seguir as afirmações de Zaragóza (2009), vamos dividi-las em dois grupos diferentes. O grupo das estratégias de ensino didáticas, que estão relacionadas diretamente com os conteúdos e o currículo, e o grupo das estratégias de ensino psicopedagógicas, que tentam melhorar a dinâmica da aula, aumentar a motivação e criar um bom ambiente a nível do comportamento, fazendo com que o que está a ser ensinado tenha mais possibilidades de progredir.

Desta forma, para expor e explicar as estratégias de ensino, centremo-nos apenas no autor Zaragóza (2009), que afirma existirem dez estratégias de ensino didáticas e dez estratégias de ensino psicopedagógicas. Então, começemos por mencionar as dez estratégias de ensino didáticas: a moldagem metacognitiva (ensina o aluno a tomar consciência das suas capacidades, a refletir sabe o que é ou não capaz de fazer); a explicação dos objetivos, conteúdos, atividades e critérios de avaliação, onde os conteúdos a serem ensinados, os objetivos pretendidos, as atividades a serem realizadas e os critérios de avaliação devem ser mostrados e explicados ao aluno,

¹¹¹ Tradução livre de: “ (...) una estrategia de enseñanza se refiere a aquellas acciones que el docente aplica para facilitar al alumnado un procesamiento profundo del conocimiento, diseñando actividades y tomando decisiones para que el contenido se presente con la máxima significación, estimulando, al mismo tiempo, la atención y el interés. Una estrategia de aprendizaje, por otra parte, es una secuencia intencional de procedimientos y habilidades que el alumno usa de forma consciente para aprender de la mejor forma posible” (Zaragóza, 2009. p.264).

criando, deste modo, expectativas tanto para o próprio docente como para o próprio aluno, que vai ganhando consciência em relação ao que o professor espera dele, preocupando-se com isso e sabendo o que tem de fazer para corresponder às expectativas do professor.

A organização dos conteúdos e das atividades é outra estratégia mencionada, assim como a organização e a criação de relações e a revisão periódica de todas as matérias, de todos os conteúdos que já foram abordados, visando introduzir os novos conteúdos com mais sucesso.

A analogia e contraste musical também é outra estratégia; a comparação de versões, (que incide na comparação de uma mesma obra, interpretada por diferentes intérpretes e na audição de várias versões diferentes da versão original, comparando cada versão) é uma estratégia de ensino pedagógica muito própria da aula de EM; a conexão musical, que tem como objetivo criar uma ligação, uma conexão entre diversos estilos de música, não privilegiando nenhum, deixando de parte determinados preconceitos musicais, evitando comparações ou classificações que possam, porventura, dar mais ênfase a um ou a outro estilo musical, desenvolvendo, nos alunos, uma atitude de respeito perante todo o gênero de música que existe, é uma estratégia que deve ser bastante valorizada e a moldagem, que é uma estratégia que está intrinsecamente relacionada com o perfil do professor, que, recorrendo às suas habilidades (cantar, tocar, fazer ritmo, dançar, entre outras), leciona determinados conteúdos, onde o aluno observa e compreende.

Por último, ainda recorrendo a Zaragóza (2009), temos uma estratégia de ensino didática que se relaciona com um conjunto de axiomas, verdades tidas como absolutas, sobre a música e denomina-se princípios musicais.

Depois de percorrermos, de forma muito sintetizada, todas as estratégias de ensino didáticas, as estratégias de ensino psicopedagógicas serão agora mencionadas. Assim, como já foi referido anteriormente, estas estratégias estão relacionadas com a motivação, a dinâmica da aula, o interesse, o comportamento, etc. e são dez.

Neste sentido, continuaremos a seguir Zaragóza (2009) que refere, então, as dez estratégias de ensino psicopedagógicas: a formação, no sentido de moldar determinadas condutas menos próprias dos alunos; o equilíbrio, que menciona a

necessidade de existir um relacionamento justo entre o professor e o aluno, sendo que, o rigor e o afeto devem estar conjugados, onde o aluno tem que perceber estas ações, ou seja, o aluno tem que perceber quando o professor exige rigor e quando é que é afetuoso e compreensivo; a empatia assertiva, sendo uma estratégia a ser utilizada quando o professor se depara com um aluno dito perturbador, com problemas de mau comportamento ou até apático, atuando com empatia, tentando compreender o que se passa, fazendo com que o aluno sinta uma certa afinidade, pois, estratégias que valorizam a intimação, a obrigação, etc., não são viáveis; a expectativa de autoeficácia que “(...) se baseia na habilidade para realizar tarefas e objetivos exigentes, de forma que a percepção da tarefa a ser realizada, se torne em algo motivador, capaz de ser alcançado pelo aluno” (Zaragóza, 2009, p. 289)¹²; o impacto de comunicação, onde, por exemplo, recorrendo a determinados conteúdos, suscita-se, no aluno, algum tipo de emoção significativa, potencializando o processo de aprendizagem, na medida em que o aluno fica mais atento.

A inoculação é outra estratégia de ensino psicopedagógica que consiste em provocar no aluno reações que o façam repensar a sua autoestima e o seu autoconceito, ou seja, o professor provoca e questiona o que o aluno afirma, obrigando, o mesmo a questionar-se e a repensar os seus conhecimentos, de forma a poder responder ao professor e a afirmar que afinal tem razão e o que está a dizer tem fundamento. Ou seja, é uma estratégia que obriga o aluno a pensar, a fazer deduções e a rever os seus conhecimentos.

A percepção de autonomia e capacidade de decidir, é uma estratégia que faz com que o aluno se aperceba que é capaz de ser autónomo e capaz de tomar determinadas decisões no decorrer da aula. Assim, o professor deve recorrer a esta estratégia, desenvolvendo determinadas atividades, sempre com a sua orientação, onde é dado ao aluno um certo momento de liberdade, de autonomia, no qual, o aluno é capaz de tomar decisões que são ouvidas e valorizadas. Como por exemplo, numa aula em que o conteúdo novo a ser dado é a altura, o aluno pode decidir, num leque de escolhas

¹² Tradução livre de: (...)“se basea en la habilidade para plantear tareas y objetivos exigentes, de forma que la percepción de la tarea demandada por el docente se convierta en un reto motivador al alcance del alumnado” (Zaragóza, 2009, p. 289).

oferecido pelo docente, quais os instrumentos musicais que poderão ser usados para trabalharem esse mesmo conteúdo.

Os erros que o professor, como ser humano que é, pode cometer durante uma aula, também podem ser aproveitados, sendo promotores da estratégia paradoxo e sentido crítico, que consiste em explicar aos alunos que o professor também se pode enganar, em algum momento, pedindo aos mesmos que tenham uma atenção redobrada, pois, se o professor cometer algum erro, é a eles que cabe identifica-lo. A estratégia atividades transversais, consiste em utilizar um conjunto de atividades que funcionam como uma espécie de fio condutor, que conduz precisamente, ao conteúdo a ser trabalhado, ao assunto a ser desenvolvido.

Continuando a seguir as afirmações de Zaragóza (2009), chegamos à última estratégia de ensino psicopedagógica, a estratégia atividades fora da aula, que motiva os alunos e faz com que os mesmos se esforcem e queiram trabalhar. Pois, se o professor diz ao aluno que no final do ano, por exemplo, a turma apresentará um concerto para a comunidade escolar, familiar e amigos, com todas as obras trabalhadas durante o ano, é claro que os alunos se vão sentir motivados e vão empenhar-se, dando o seu máximo e o seu melhor.

Assim, a estratégia, sendo ela de aprendizagem ou de ensino, “significa uma concepção global, intencional e organizada, de uma acção ou conjunto de acções tendo em vista a consecução das finalidades de aprendizagem visadas” (Roldão, 2009, p. 68), logo, o professor, deve ser detentor de diferentes estratégias de ensino, tendo consciência de que está a usar essas estratégias, analisando-as, questionando-as, de forma a evoluir e a proporcionar aos alunos um bom processo de ensino-aprendizagem.

Síntese

Como conclusão deste capítulo, importa referir que os objetivos delineamos para o mesmo foram cumpridos, uma vez que, ainda que de uma forma breve, o conceito de didática foi apresentado e a questão do contexto didático foi tratada e refletida de forma consciente, mostrando-nos que a didática de uma aula é um conjunto de processos que se relacionam, sendo estes, processos influenciadores.

Ao falar da metodologia didática, foi possível ganhar consciência da riqueza do contexto pedagógico, que representa uma visão muito diversificada, uma visão multidimensional, donde emergem diferentes vias de ensino, ou seja, diversos métodos diferentes e todos eles plausíveis. Deste modo, também importa mencionar a diversidade existente no mundo das estratégias de ensino, onde, uma “Estratégia não é (...) sinónimo nem de tarefa nem de actividades” (Roldão, 2009, p. 68), sendo que, a estratégia define-se por “toda a acção desenvolvida pelo professor, desde a concepção e planificação, ao desenvolvimento didáctico e à regulação e avaliação do aprendido” (*idem*, p. 56).

Assim, este primeiro capítulo evidenciou algumas questões inerentes ao mundo educacional, sendo que um dos aspetos importantes a reter, é o facto de o professor ter que ser consciente e reflexivo, pois, só assim é que consegue evoluir.

**CAPÍTULO II – Prática de Ensino Supervisionada no 1.º e no
2.º Ciclos do Ensino Básico**

Introdução

Este segundo capítulo visa apresentar todas as questões que estão relacionadas com a realização da minha PES no 1º e no 2º Ciclos do Ensino Básico, assim, começando por referir que “A música é uma das manifestações culturais que sempre esteve presente na vida do homem” (Cruvinel, 2005, p. 47), é fácil entender-se que a mesma tem estado, também, presente na formação dos jovens, desde tenra idade. Como tal, recorrendo ao *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (ME-DEB, 2001)*¹³, é possível verificar que a Educação Artística, nomeadamente a Expressão e Educação musical é uma das áreas desenvolvidas no Ensino Básico, pois, como refere o próprio documento, as “artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural dos alunos” (Ministério da Educação, 2001, p. 149).

Deste modo, as escolas têm vindo a investir no ensino da música no EB, nomeadamente nos 1º e 2º Ciclos do EB, como é o caso das escolas onde realizei uma parte da minha PES, a Escola Básica de Valado, no 1º ciclo do EB e a Escola Básica 2,3 de Valongo, no 2º ciclo do EB, situadas, as duas escolas, na cidade de Valongo.

Ambas as Escolas, pertencem ao Agrupamento de Escolas Vallis Longus, de Valongo e, na Escola Básica de Valado, consultando o *Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas Vallis Longus*¹⁴ em vigor, é possível verificar que cinco horas semanais são destinadas a áreas relacionadas com as expressões, onde se inclui a área da Música. Deste modo, a realização da minha PES no 1º ciclo do EB, inseriu-se nas referidas cinco horas semanais destinadas às áreas de expressões, assim, de fevereiro até junho, com a carga semanal de quarenta e cinco minutos e com a turma do 2ºAV, decorreu a minha PES, que foi sempre supervisionada e orientada pela minha professora supervisora, e pela professora titular da turma, que foi a minha professora cooperante.

¹³Obtido a 14 de janeiro de 2012 em <http://www.dgicd.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>.

¹⁴Obtido a 21 de janeiro de 2012 em <http://www.avvl.pt/images/stories/Documentos/projecto-curricular2010-13.pdf>.

No 2º ciclo do EB, na Escola Básica 2,3 de Valongo, tanto os alunos do 5º ano de escolaridade, como os do 6º ano, têm a disciplina de Educação Musical, a qual tem uma carga horária semanal de 2 horas (1 hora corresponde a quarenta e cinco minutos), ou seja, noventa minutos semanais. Como tal, a minha PES no 2º ciclo do EB, ocorreu com esta mesma carga horária semanal (noventa minutos), com a turma do 6ºL, sob a orientação da professora de EM da turma, que se tornou a minha professora cooperante do 2º ciclo.

Sendo as experiências de aprendizagem um tópico referido no *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, onde, como refere o mesmo, “o aluno deve ter oportunidade de vivenciar aprendizagens diversificadas, conducentes ao desenvolvimento das competências artísticas e, simultaneamente, ao fortalecimento da sua identidade pessoal” (Ministério da Educação,2001,p.150), uma das minhas preocupações, quando planeei a minha PES, foi precisamente o facto de poder proporcionar aos alunos determinadas experiências de aprendizagem que os enriquecessem. Deste modo, continuando a recorrer ao *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, agora, mais precisamente às competências específicas, onde uma delas evidencia o desenvolvimento da literacia musical na dimensão do domínio de práticas vocais e instrumentais diferenciadas, decidi que a minha PES, no 1º ciclo iria incidir sobre a prática vocal e, no 2º ciclo do EB, sobre a prática instrumental, onde diferentes conteúdos que lhes estavam associados iriam ser trabalhados durante as aulas, sendo que a escolha desses mesmos conteúdos foi feita, de forma consciente, seguindo as orientações das minhas cooperantes.

Este segundo capítulo, numa primeira parte, faz uma contextualização do meio escolar, das escolas e das turmas, onde realizei a minha PES no 1º e no 2º ciclo do EB, seguidamente, apresenta, descreve e reflete as experiências de aprendizagem que foram proporcionadas aos alunos, também durante a minha PES, nos referidos ciclos de ensino, fundamentando com diversos autores de referência no mundo da EM, acabando com uma síntese.

2.1. Contextualização do Meio Escolar

2.1.1. 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

O principal documento utilizado para realizar e fundamentar este tópico foi o *Projeto Educativo*¹⁵ de 2010 a 2013 referente ao Agrupamento de Escolas *Vallis Longus*, uma vez que a minha Prática de Ensino Supervisionada nos 1º e 2º Ciclos do EB, foi desenvolvida no mesmo, na cidade de Valongo, que pertence ao distrito do Porto (Imagem1).

A cidade de Valongo é povoada por cerca de 23 925 habitantes, é a sede do Município de Valongo, que está dividido em cinco freguesias e é uma cidade que oferece aos seus habitantes um boa qualidade de vida na medida em que é dotada de várias infra estruturas que contribuem para o bem-estar e conforto dos mesmos, como por exemplo, o Hospital Nossa Senhora da Conceição, Câmara Municipal e Junta de Freguesia, entre outros.

A população é acolhedora e afável, proporcionando, deste modo, um ambiente calmo e sem grandes perigos.

A nível visual, Valongo é uma cidade em crescimento e relativamente industrializada, contudo, também é uma cidade dotada de paisagens campestres, oferecendo, aos seus habitantes, uma agradável paisagem de foro natural.

¹⁵ Obtido a 21 de janeiro de 2012 em
<http://www.avvl.pt/images/stories/Documentos/projetoeducativo2.pdf>.



Imagem 1. Localização da cidade de Valongo

2.2. Contextualização da Escola

2.2.1. Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico

A Escola Básica de Valado é uma das escolas do 1º ciclo que pertence ao Agrupamento de Escolas *Vallis Longus*. Assim, este agrupamento é constituído pela escola sede (a Escola Básica 2,3 de Valongo), a Escola Básica de Valado, a Escola Básica Vallis Longus, a Escola Básica da Boavista, Escola Básica do Calvário, Escola Básica Ilha, Escola Básica do Susão, Escola Básica Nova de Valongo, Centro Escolar Estação e os seus respetivos Jardins de Infância.

A Escola Básica de Valado é uma escola recente, como é possível verificar com o auxílio da imagem n.º2, como tal, é uma escola com excelentes condições, dotada de quatro salas para o ensino pré-escolar e de 10 para o ensino do 1º ciclo. Na escola existe, ainda, uma enorme e confortável cantina, uma sala de professores, uma biblioteca, uma enfermaria, um enorme e acolhedor espaço para as crianças aproveitarem os seus intervalos, assim como um parque infantil e um campo de jogos.



Imagem 2. Escola Básica de Valado

A escola disponibiliza bastantes materiais de suporte ao ensino, como exemplo, quadros interativos, projetores, rádios, computadores, internet, entre outros, assim como alguns instrumentos musicais, como xilofones, metalofones, jogos de sinos, boomwhackers e vários instrumentos de percussão, como por exemplo, maracas, castanholas, reco-reco, pandeiretas e pratos.

Referindo-me agora à sala da aula, onde decorreu a minha PES, posso referir que a mesma é dotada de excelentes condições, contudo, a falta de espaço para a realização de determinadas atividades mais dinâmicas, foi um problema que se evidenciou.

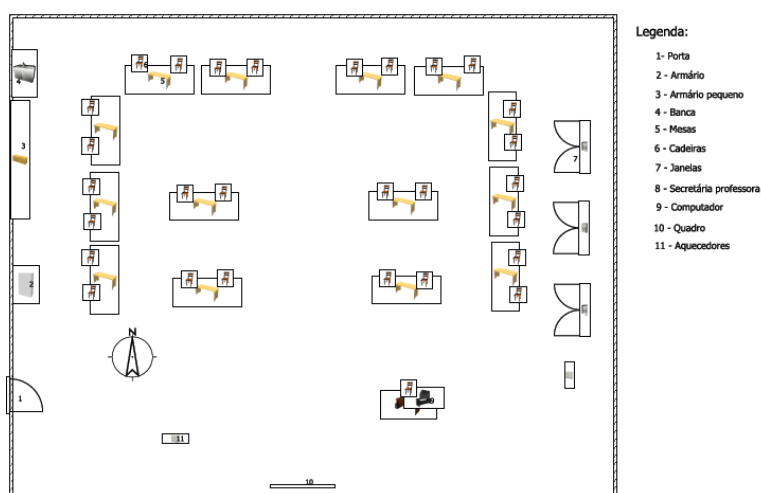


Figura 1. Planta da sala de aula (1.º ciclo)

A sala, apesar de pequena, mostrou-se bastante viável, pois, devido à distribuição das mesas, foi possível a realização de alguns jogos dinâmicos.



Figura 2. Planta da sala de aula em 3D (1.º ciclo)

2.2.2. Escola do 2º Ciclo do Ensino Básico

A Escola Básica 2,3 de Valongo foi a escola onde foi realizada a minha PES é a escola sede do Agrupamento de Escolas *Vallis Longus*. É uma escola se encontra situada no centro da cidade de Valongo, possibilitando a todos, um ótimo acesso.

A escola está rodeada de várias urbanizações e está dividida em alguns pavilhões, é dotada de uma secretaria, de uma biblioteca, de um polivalente, de uma cantina, de uma sala de professores, entre outros e é “dona” de um *design* peculiar.



Imagem 3. Escola Básica 2,3 de Valongo

A escola tem duas salas de música, uma ao lado da outra, que são denominadas como *Salas de Educação Musical* e foi precisamente numa delas que decorreu a minha PES.

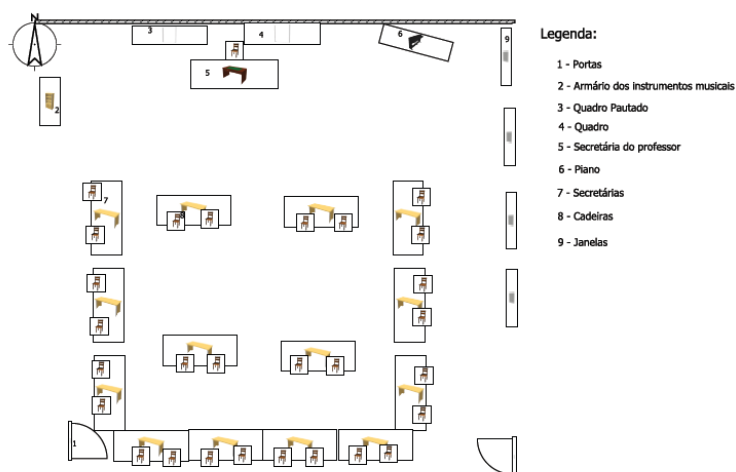


Figura 3. Planta da sala de aula (2.º ciclo)

A referida sala, além de ser um pouco pequena, o que dificultou a realização de atividades mais dinâmicas, é dotada de boas condições, sendo muito soalheira e acolhedora. As mesas estão dispostas em U, com quatro mesas no centro na direção da secretária do professor e atrás dessa mesma secretária existem dois quadros, um normal e outro pautado. Do lado esquerdo da secretária do professor, existe um teclado em boas condições e do lado direito, fazendo um ângulo de 90 graus com a outra parede, existe

um armário com vários instrumentos musicais: xilofones, metalofones, flautas de bisel e vários instrumentos de percussão.



Figura 4. Planta da sala de aula em 3D (2.º ciclo)

2.3. Caracterização da turma

2.3.1. Turma do 1º Ciclo do Ensino Básico

A informação adquirida para a realização deste tópico foi fornecida pela professora titular de turma, assim, a turma do 2º AV é constituída por 23 alunos, nove do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Quanto à faixa etária, 22 alunos têm sete anos e apenas um já tem oito, uma vez que sofreu uma retenção. Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa, à exceção de um, que é de nacionalidade chinesa. Dois alunos beneficiam do escalão A, três do escalão B e 15 não fruem de qualquer escalão.

A maioria reside em Valongo, fazendo a sua deslocação para a escola maioritariamente de carro. No que diz respeito à ocupação dos tempos livres, ver televisão, estar no computador e fazer desporto, são as atividades mais mencionadas e a disciplina preferida da turma é Matemática, sendo que a Língua Portuguesa é a que revelam ter mais dificuldades.

Na turma consta uma aluna ao abrigo do Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de Janeiro, que evidencia um atraso global significativo do desenvolvimento, com índices abaixo do esperado para a sua faixa etária em áreas como a autonomia, a expressão/comunicação (linguagem), a psicomotricidade e ainda alguns desequilíbrios nas interações e relacionamentos interpessoais. Esta aluna tem apoio individual

especializado e beneficia de acompanhamento no desempenho, na valência de terapia da fala, desde fevereiro de 2009 e ainda, dois alunos usufruem de apoio socioeducativo, três horas por semana e outro foi proposto para beneficiar deste mesmo apoio para o próximo ano letivo.

A maioria dos alunos gosta de estudar e fá-lo acompanhado pela mãe, dedicando 30m de tempo de estudo diário e escolhe a sala como o local onde costuma estudar, tendo a ambição de chegar ao Ensino Superior.

O agregado familiar de nove alunos é composto por três pessoas e no caso de outros nove alunos, é composto por quatro. Dois alunos têm um agregado familiar composto por cinco pessoas e três por duas, sendo que 20 alunos declararam viver com os pais e três apenas com a mãe.

A idade dos pais corresponde, na sua maioria, ao intervalo de 30 aos 39 anos, notando-se alguns com idades superiores. Quanto às habilitações literárias regista-se que a maioria dos pais detém o Secundário e as mães em mesmo número o secundário e curso superior.

2.3.2. Turma do 2º Ciclo do Ensino Básico

A turma do 6ºL é composta por 24 alunos, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade, sendo que um dos alunos foi transferido a nove de março de 2012. No que diz respeito ao género, 12 alunos são do sexo feminino e os outros 12, do sexo masculino e apenas três alunos sofreram retenções escolares.

Dos apoios económicos fornecidos, sete alunos usufruem do escalão A e nove do B, enquanto que os restantes não usufruem de qualquer apoio. As disciplinas de Língua Portuguesa, de Inglês, de Ciências da Natureza, de Educação Física e de Educação Moral Religiosa Católica, são apontadas como aquelas em que os alunos têm maior sucesso escolar, no entanto, as disciplinas de Matemática e História, são reveladores de um maior número de níveis negativos.

A maioria dos alunos desloca-se a pé para a escola (15 alunos), enquanto que quatro referem utilizar o autocarro como meio de transporte e seis, carro próprio.

O agregado familiar de 10 alunos é composto por três pessoas e no caso de 5 alunos, é composto por quatro. Outros cinco alunos têm um agregado familiar composto por cinco pessoas e dois por seis, enquanto que apenas um declara viver com duas pessoas e outro com sete.

Para concluir este tópico, apenas mencionar que o mesmo foi redigido, tendo como base o *Plano Curricular de Turma*, cedido pela professora cooperante.

2.4. Experiências de Aprendizagem

2.4.1. Descrição e Reflexão Crítica no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Começo este ponto, referindo que o objetivo da minha PES, no 1.º Ciclo do EB, refere-se à experiência de aprendizagem que consta no *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, denominada *Explorar as conexões com outras artes e áreas do conhecimento*, assim, o meu principal objetivo era proporcionar, aos alunos, experiências de aprendizagem que os enriquecesse, que os fizesse evoluir, explorando e relacionando diversas áreas com a área da música. Assim, apresento o projeto que foi desenvolvido durante a minha PES: a realização de um teatro musicado, onde, conjugando outras artes e áreas do saber, com a cooperação de todas as professoras da turma (titular, expressão dramática e inglês) e tendo como ponto de partida a *Fábula da Cigarra e da Formiga*, foi escrito um teatro musicado, em que as músicas foram escolhidas e trabalhadas durante as minhas aulas de estágio, onde determinados conteúdos programáticos, que estavam associados a essas músicas, foram expostos e trabalhados. O facto de relacionar a música com outras áreas, neste caso específico, com a área de inglês (os alunos interpretaram canções em inglês, trabalhando o seu vocabulário), dramática (questões relacionadas com a arte de representar foram, evidentemente trabalhadas), desenho (partes integrantes do cenário foram criadas e desenhadas pelos alunos), entre outras, favorece muito o desenvolvimento intelectual, artístico e musical do aluno, pois, “Um dos elementos essenciais na formação artístico-

musical é a compreensão das relações entre a música e os diferentes contextos (...). A articulação vertical e horizontal com outras áreas do conhecimento pode contribuir não só para a transferência de saberes como também para uma compreensão mais profunda das dimensões artísticas” (Ministério da Educação, 2001, p. 168).

A realização deste projeto possibilitou, ainda, que os alunos vivenciassem uma outra experiência de aprendizagem, que consta no *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, que se intitula *Produzir e realizar espetáculos diversificados*. Neste sentido, o projeto foi apresentado publicamente no final do ano, na festa final da escola, no dia 15 de junho de 2012, uma vez que “a música adquire sentido no âmbito da realização de práticas artísticas (...). Pela sua natureza, a realização de projectos artísticos diversificados constitui terreno propício para o desenvolvimento de actividades de trabalho interdisciplinar” (Ministério da Educação, 2001, p. 168).

Sendo a Interpretação, um dos três grandes domínios da prática musical (os outro dois são a Composição e a Audição, como consta no *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* (2001)), que se relaciona, intrinsecamente, com as competências específicas, também elas a constarem no documento referido anteriormente, o projeto, realizado no âmbito da minha PES no 1º ciclo do EB, incidiu na prática/interpretação vocal de três temas/canções, sendo que o objetivo desta prática vocal recaiu na tentativa de abordar o canto numa perspetiva mais técnica, onde os alunos desenvolvessem questões relacionadas com a postura e com a respiração. Então, duas das letras das canções¹⁶, a canção *Oh Suzana* de autor desconhecido e a canção *El Bodeguero* de Richarde Egues, foram adaptadas por mim, passando a denominarem-se, a primeira, *Oh América* e a segunda, *Gosto do verão*, de modo a ir ao encontro da peça de teatro escrita posteriormente, evitando, como refere Williams (2003, citado por Pereira, s.d., p.40), “(...) notas agudas, grande intensidade de som e sustentação prolongada pela própria impossibilidade do instrumento em desenvolvimento”. A terceira canção foi um *rap*, também escrito por mim, denominado *A formiga rabina*.

¹⁶ Ver apêndice A.

A voz, como um instrumento bastante rico que é e que, à partida, toda a gente possui, pareceu-me acertado explorá-la durante a minha PES, pois, recorrendo agora a Machado (2012, p.28), Wuytack também valoriza a voz, afirmando que esta deve ser vista “ (...) como meio de expressão por excelência do ser humano”.

Recorrendo a Fonterrada (2008, p.157), “Para Kodály, é importante desenvolver o hábito de entoação desde muito cedo, porque depois, talvez, não seja possível aperfeiçoar essa capacidade”, uma vez que “Cada criança torna-se consciente dos elementos da música através do canto” (Amado, 1999, p. 42). Reforçando ainda mais a importância do canto no ensino da música, passo a citar uma frase de Kodály (s.d., citado por Amado, 1999, p.42), que resume a educação musical ao ato de cantar: “Se tentássemos exprimir a essência desta educação numa só palavra, ela só poderia ser – cantar! ”.

No entanto, como é óbvio, as minhas aulas de PES, ou seja, a minha PES, não se resumiu apenas ao cantar, envolvendo, deste modo, outras situações, onde determinados conteúdos programáticos foram trabalhados, como o ritmo (a semínima, a mínima e as suas respetivas pausas e a colcheia), a altura dos sons (grave/agudo), os andamentos (adágio, moderato e presto), a dinâmica (piano, meio forte e forte; o crescendo e o diminuendo) e a forma (ABA). A escolha destes conteúdos foi feita seguindo a orientação da minha professora cooperante (a professora titular da turma) e, uma vez que os alunos usufruíam da disciplina de Música no regime das Atividades de Enriquecimento Curricular, pareceu-me proveitoso recorrer, também, ao professor responsável por essa área, que me orientou, falando-me sobre a turma, sobre os seus conhecimentos musicais, as suas facilidades, as suas dificuldades e sobre os conteúdos programáticos que os alunos já haviam trabalhado. Deste modo, seleccionei os conteúdos a serem explorados, de forma a poder relaciona-los com o projeto a ser desenvolvido, mais precisamente com as músicas que eram parte integrante do mesmo.

Durante as minhas aulas de PES, o ritmo sempre foi uma questão bastante valorizada, pois, “Para Orff, o ritmo é a base sobre a qual se assenta a melodia e, deveria provir do movimento” (Fonterrada,2008, p. 161). Como tal, todas as aulas começavam com a realização de exercícios rítmicos, de percussão corporal, uma vez que o corpo da criança, além da voz, é outro instrumento que pode ser utilizado para

fazer música e, como refere Bourscheidt (2008, p.28), “Wuytack sugere que a criança deve ser incentivada a conhecer o seu próprio corpo através da percussão corporal estalando os dedos, batendo palmas, percutindo as coxas (joelhos) e os pés”, pois, “a percussão corporal estimula a coordenação motora e permite atingir níveis de dificuldade elevados” (Palheiros, 1999, citado por Bourscheidt, 2008, p. 28).

Deste modo, as aulas eram iniciadas, como já foi referido, com exercícios rítmicos de percussão corporal, então, numa primeira fase desses exercícios, colocando todos os alunos em círculo, marcando a pulsação, com os pés, de um lado para o outro, eu ia percutindo, no meu corpo, determinadas frases rítmicas e eles iam imitando. Numa segunda fase, chamemos-lhe a fase do improvisar, um a um, os alunos inventavam o seu próprio ritmo, sem nenhum tipo de restrição ou imposição (apenas tinham que seguir o andamento que lhes tinha sido dado) e esse ritmo, posteriormente, era repetido por todos. Para finalizar o exercício, eu fazia algumas frases rítmicas envolvendo apenas as figuras rítmicas que eles, previamente, já dominavam, sendo que quem adivinhasse quais eram as figuras que eu estava a usar, tinha que ir escrevê-las ao quadro, colocando em prática o princípio de Orff que, como menciona Fonterrada (2008), “assumem importante papel as atividades de eco (repetir o que se ouviu) e pergunta e resposta (improvisar um segmento musical depois de ouvido um estímulo)” (p. 161), onde a escrita e a leitura aparecem em último lugar, sendo que “O trabalho prático e a vivência estão em primeiro plano” (Cunha, 2005, p. 17).

Continuando a aula, depois destes exercícios iniciais, o novo conteúdo a ser apresentado era exposto, sempre seguindo o princípio referido anteriormente, primeiro a prática e depois a teoria, relacionando sempre esses conteúdos com a canção a ser aprendida nessa mesma aula que, posteriormente, era parte integrante do projeto final da minha PES no 1º ciclo do EB.

No entanto, parece-me acertado, pegar apenas numa aula, como uma espécie de aula modelo, como um exemplo, para tentar caracterizar e explicar todas as aulas dadas durante a minha PES, uma vez que todas elas seguiram a mesma linha, o mesmo padrão. Então, escolho a aula em que o ritmo, nomeadamente, a pausa de mínima, foi lecionada. Como tal, a referida aula, começou, como habitual, com os já referidos exercícios de percussão corporal e depois, recorrendo ainda a estes exercícios, executei

determinadas frases rítmicas, de quatro tempos, em que a mínima estava presente, contudo, eles iam imitando, mas não se apercebiam da figura. No entanto, quando eu pedi que me dissessem quais as figuras rítmicas que eu estava a usar, não me souberam explicar o que o acontecia naqueles dois tempos em que eu estava em silêncio, desta forma, introduzi a figura, não lhes dizendo o nome dela, mas sim, dizendo-lhes o que significava, como se executava, ou seja, o que tinham de fazer quando a vissem e como se escrevia.

De seguida, o exercício de improvisação rítmica voltou a ser realizado, mas as frases rítmicas criadas por eles tinham que ter quatro tempos e conter a nova figura, a mínima. Continuando, a canção *Gosto do verão*, foi aprendida, onde exercícios de respiração foram realizados, nomeadamente o seguinte exercício: “(...) imaginar que se tem uma vela acesa na mão, primeiro a vela está perto da boca pelo que um sopro rápido o apagará. Sucessivamente afasta-se a vela imaginária para que o sopro exigido para a apagar seja mais intenso” (Pereira, s.d., p. 41), logo, com a realização deste exercício, os músculos expiratórios foram exercitados, contribuindo para uma melhor *performance* vocal. Continuando, sempre que os alunos, ao cantarem a canção, identificavam uma pausa de mínima, baixavam-se durante dois tempos.

Fazendo agora referência ao ensino de uma canção com texto, começo por citar Gordon (2000, p.334): “recomendo que só se passe a acrescentar texto depois de os alunos serem capazes de executar uma canção musicalmente”, pois, quando se ensina uma canção com letra, com voz, os alunos têm uma enorme tendência para se concentrarem mais na letra e deixar de lado as questões da melodia, do ritmo e da métrica. Assim, durante a minha PES, as canções foram ensinadas seguindo este raciocínio, ou seja, primeiro, recorrendo a uma sílaba neutra, a melodia e só depois a letra.

Depois de todas as aulas lecionadas, de todos os conteúdos programáticos expostos, de todas as canções aprendidas e de todo o espetáculo estar devidamente ensaiado, eis que acontece a *performance* final, onde os alunos apresentam todo o seu trabalho, de forma entusiasta, desenvolvido durante a minha PES, emergindo, deste modo, as duas experiências de aprendizagens que constam no *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, que já foram previamente mencionadas:

Explorar as conexões com outras artes e áreas do conhecimento e Produzir e realizar espetáculos diversificados.

A este propósito, o balanço final do trabalho desenvolvido no 1º ciclo do EB é bastante positivo, pois, os objetivos iniciais foram cumpridos, ou seja, os alunos perceberam a importância da cooperação entre todas as áreas envolvidas e demonstraram entusiasmo e até exaltação, por realizarem um espetáculo incidente em várias áreas do ensino, sendo que os alunos cantaram, de forma afinada e com postura. Para concluir, apenas mencionar que o ponto alto recaiu no entusiasmo, na alegria e na felicidade com que o projeto foi apresentado no final do ano, no dia 15 de junho de 2012, na Escola Básica de Valado.

2.4.2. Descrição e Reflexão Crítica no 2.º Ciclo do Ensino Básico

A escolha do tema a ser trabalho durante a PES no 2.º Ciclo do EB foi feita seguindo a opinião da professora cooperante, a professora de EM da turma. Neste sentido, indo ao encontro do que está estipulado no *Currículo Nacional do Ensino Básico*, onde, as competências específicas a serem desenvolvidas na disciplina de EM estão relacionadas com quatro grandes organizadores (a interpretação e a comunicação, a criação e a experimentação, a perceção sonora e musical e culturas musicais no contexto), decidi que, uma vez que a turma apresentava algumas dificuldades relacionadas com a prática instrumental (a flauta de bisel), o meu projeto deveria incidir nesta questão, surgindo, deste modo, o objetivo principal da minha PES: colmatar essas mesmas dificuldades, proporcionando aos alunos experiências de ensino-aprendizagem que os enriquecessem. Assim sendo, foram trabalhados, pela turma, na flauta de bisel, quatro temas (*Titanic*, *We Will Rock You*, *Mamma mia* e *All Together Now*), em que determinados conteúdos lhes estavam associados.

A escolha dos referidos temas foi feita de forma consciente, sempre com a orientação da professora cooperante, indo ao encontro dos conteúdos programáticos a serem trabalhados - o ritmo (compasso simples, o galope), a altura (leitura de notas musicais, o sustenido, o bequadro e o bemol, o si^b), a forma (ABA), a dinâmica (stacatto e legato) e o timbre (instrumentos de sopro) - e tentando, também, ir ao encontro dos

gostos dos alunos, com o intuito de os motivar e de despertar neles, alegria e entusiasmo, pois, como refere Bourscheidt (2008, p.20): “Wuytack sugere que o professor não deve ser considerado apenas um transmissor de conhecimentos, mas sim deve saber orientar os seus alunos sobre o prazer e a alegria de fazer música em grupo, sempre de maneira bem humorada e alegre”.

A prática instrumental, na minha PES no 2º ciclo do EB, ocupou um papel de destaque, no sentido de que “o aluno desenvolve a musicalidade e o controlo técnico-artístico através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações. (...) toca, individual e coletivamente, utilizando técnicas e práticas musicais apropriadas e contextualizadas” (Ministério da Educação, 2001, p. 171).

Considero que seja importante referir que a prática instrumental é algo que deve acompanhar o aluno de EM do 2º ciclo do EB, pois, no final deste 2º ciclo, o aluno deve ser capaz de tocar “sozinho ou em grupo pelo menos um instrumento musical utilizando técnicas instrumentais e interpretativas diferenciadas de acordo com a tipologia musical” (Ministério da Educação, 2001, p.173). Assim, questões relacionadas com a prática instrumental, nomeadamente com a flauta de bisel, foram trabalhadas.

Para descrever a forma como os alunos aprendiam a tocar flauta nas minhas aulas de PES, recorro à seguinte citação: “No método Suzuki, o desenvolvimento da leitura musical é posterior ao aprendizado no instrumento” (Fonterrana, 2008, p.173), referindo que a estratégia utilizada, para a aprendizagem de todos os temas abordados, seguiu este princípio onde, numa primeira fase, a imitação ocupava um papel de destaque, ou seja, para que os alunos aprendessem as canções, eu dividia a melodia das mesma em frases e, com a flauta no queixo, eu ia executando essas frases e eles iam imitando, ao mesmo tempo que entoavam as notas musicais, desenvolvendo, desta forma, competências relacionadas, também com o canto. Numa fase posterior, a teoria marcava presença, onde a partitura era analisada, lendo-se as notas musicais e percebendo-se quais as figuras rítmicas que lhes estavam associadas, entre outros. Pois, recorrendo a Bourscheidt (2008, p.23), Orff defende que,

a música também é uma ciência e, como tal, o entendimento da sua teoria é de fundamental importância para a sua total compreensão. No entanto, o plano teórico deve ser apresentado de maneira agradável, interessante e invariavelmente posterior à prática

e à experiência musical ativa da criança, tornando-se, assim, natural para todos os alunos.

A metodologia que eu utilizava durante as aulas, uma metodologia que vai ao encontro de alguns princípios defendidos por alguns pedagogos já mencionados, dava bons resultados, na medida em que os alunos interpretavam instrumentalmente, com uma certa eficácia, os temas. Contudo, quando passávamos para a fase de analisar a partitura, apercebi-me, logo na primeira aula, que existiam grandes dificuldades relacionadas com a leitura de notas musicais na pauta e com a noção de tempo, de pulsação e de reconhecimento de figuras rítmicas. Assim sendo, como uma espécie de ritual, no início de cada aula, eram realizados jogos com cartões¹⁷, que ilustravam as notas musicais e as figuras rítmicas, e jogos mais dinâmicos que envolviam a marcação da pulsação, com o intuito de desenvolver, nos alunos, estas referidas competências.

Para que se perceba de forma mais elucidativa a maneira como decorriam as minhas aulas, no 2º ciclo do EB, sendo que todas elas seguiram a mesma linha, servindo uma delas como uma espécie de modelo de todas as outras, faço uma descrição apenas de uma delas. Então, escolho descrever a aula em que foi trabalhado o conteúdo da dinâmica, mais precisamente o *Stacatto* e o *Legato*. Assim sendo, indo ao encontro do que já foi referido, a aula começou com exercícios rítmicos e de leitura de notas musicais na pauta, onde, referindo-me aos exercícios de ritmo, eu fazia um determinado ritmo e eles imitavam, depois, faziam eles um e o resto da turma imitava.

No que concede aos exercícios de leitura de notas musicais na pauta, apenas mencionar que, recorrendo a uns cartões que ilustravam as notas musicais na pauta, na clave de sol, eram realizados variados jogos, em que um deles, por exemplo, consistia no seguinte: os alunos estavam agrupados em grupos de cinco e seis, possuindo um conjunto de cartões (um cartão com Dó semínima, outro com ré mínima, outro com uma pausa de semínima, outro com um sol colcheia, etc.), e eu emitia, solfejando, uma frase de quatro tempos, enquanto eles tinham que organizar os cartões de forma a fazê-los corresponder com o que eu tinha emitido. Pois, citando Christianson (1937, citado por Machado, 2012, p.14), “Os especialistas no desenvolvimento da criança chegaram à

¹⁷ Ver apêndice B.

conclusão de que o divertimento pela música, é tão ou mais importante do que a imposição de técnicas (...).”

Após a realização destes exercícios iniciais, o novo conteúdo era sempre apresentado, neste caso concreto, a dinâmica, o *stacatto* e o *legato*. Assim, o conteúdo foi exposto verbalmente, com o auxílio de um *PowerPoint* explicativo, de seguindo-se a audição de pequenos excertos de obras musicais, para que os alunos se apercebessem, auditivamente, da diferença entre o *stacatto* e o *legato*. As partituras dessas mesmas obras foram mostradas e eles visualizaram a forma como se assinalavam estas expressões de dinâmica. Continuando, foram realizados, na flauta de bisel, exercícios de dinâmica, dando ênfase ao *stacatto* e ao *legato* (tocar a escala de Dó maior, primeiro em *stacatto* e depois em *legato*) e aula foi finalizada com a aprendizagem, na flauta de bisel, recorrendo ao método anteriormente descrito, do tema *Mamma mia*, sendo que uma parte foi executada em *stacatto* e outra em *legato*.

Desta forma, recorro à seguinte citação, que, penso ser capaz de fundamentar e apoiar o que foi descrito anteriormente:

de acordo com o próprio Jos Wuytack (...), para que haja a compreensão, deve haver também o envolvimento ativo e total do aluno com a experiência musical que ele está participando. No entanto, antes de um envolvimento ativo, deve haver uma compreensão intelectual desta atividade, (...) no que tange a proposição de uma determinada atividade, antes de um envolvimento prático, o professor deve apresentá-la verbalmente, passando por sua demonstração e, por fim, pelo envolvimento ativo de todos os alunos (Bourscheidt, 2008, p. 23).

Assim, o aluno tem que participar ativamente no processo de ensino e aprendizagem, não podendo apenas ser visto como um mero espectador, que se limita a ouvir o que o professor expõe, deve, portanto, ser parte ativa e integrante na abordagem de novos conteúdos.

As aulas foram todas marcadas pelo dinamismo e interesse em aprender os temas, pois, uma vez que eram temas atuais e, o desejo de os aprender, proporcionou um bom ambiente na sala de aula, onde os alunos se sentiam motivados, o que contribuiu, e muito, para o facto de o objetivo inicial, que era colmatar algumas dificuldades inerentes à prática instrumental (flauta de bisel), fosse cumprido. Pois, os alunos durante este processo, foram desenvolvendo as suas capacidades instrumentais, que haviam adquirido previamente e aprendendo novas capacidades, como por exemplo, a técnica do *stacatto* e do *legato*.

Síntese

Uma Prática de Ensino Supervisionada deve sempre ser desenvolvida tendo em conta as experiências de aprendizagem que devem ser proporcionadas e vivenciadas pelos alunos, fazendo-os vivenciar a música acima de tudo, pois,

“A música é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos, em relação ao saber e às competências, (...), porque se situa entre pólos aparentemente opostos e contraditórios, entre a razão e intuição, racionalidade e emoção, simplicidade e complexidade, entre passado, presente e futuro” (Ministério da Educação, 2001, p.165).

Assim, cabe aos professores desenvolver e gerir todos estes pólos, desenvolvendo, nos alunos, competências e proporcionando-lhes experiências de aprendizagem completas, onde, como mencionada, seguindo o que é defendido por Wuytack, “o conteúdo oferecido em uma determinada aula deve ser apresentado de maneira integral – com início, meio e fim” (Bourscheidt, 2008,p.21), que foi o que aconteceu, precisamente, durante a minha PES nestes dois ciclos de ensino.

Deste modo, o objetivo deste segundo capítulo, que era, oferecer uma descrição pormenorizada de todas as questões relacionadas com a PES nos 1º e 2º ciclos do EB, foi atingido, pois, o meio escolar, as escolas, as turmas e as experiências de ensino-aprendizagem inerentes à referida prática de ensino, foram expostas, refletidas e fundamentadas com vários autores e pedagogos de referência.

CAPÍTULO III – Prática de Ensino Supervisionada no 3.º

Ciclo do Ensino Básico

Introdução

A minha Prática de Ensino Supervisionada no 3.º Ciclo do Ensino Básico realizou-se na Escola Básica e Secundária de Freamunde, uma escola que decidiu investir no ensino da música no 3º ciclo do EB.

No entanto, nesta escola, no 3º ciclo do EB, seguindo o que está estipulado no *Currículo Nacional do Ensino Básico*, em que, “Permanece a Educação Visual como disciplina obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta da escola (Educação Musical, Oficina de Teatro, Dança ou outra)” (Ministério da Educação, 2001, p.149), os alunos só usufruem da disciplina de Música apenas durante um semestre¹⁸, ou seja, se no primeiro semestre frequentarem a disciplina de Música, no segundo frequentam a disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação¹⁹ (TIC), ou o contrário. Como tal, a minha PES decorreu no primeiro semestre, entre os meses de outubro e de janeiro, compreendendo o primeiro período letivo²⁰ e uma parte do segundo²¹, tendo como professora cooperante, a professora titular da turma, a professora Ivone Augusta Guedes de Sousa.

A escolha do tema/módulo a ser abordado durante a minha PES foi feita de forma consciente, como tal, segui os conselhos da minha cooperante, consultei a planificação semestral²² e, quando encontrei o tema *Música e Imagem*, associado a outro grande tema *Formas e Estruturas*, decidi que *Música e Imagem* seria o tema a ser abordado, uma vez que, como consta no *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais*, a exploração das conexões com outras artes e áreas do saber, contribui, e muito, para “uma compreensão mais profunda das dimensões artísticas” (Ministério da Educação, 2001, p.168).

¹⁸ O primeiro semestre decorre entre o dia 10 de setembro de 2012 e o dia 1 de fevereiro de 2013, enquanto que o segundo vai do dia 4 de fevereiro de 2013 até ao dia 14 de junho de 2013.

¹⁹ Que passarei a designar por TIC.

²⁰ O primeiro período letivo decorre entre 10 de setembro de 2012 e 14 de dezembro de 2013.

²¹ O segundo período letivo decorre entre 3 de janeiro de 2013 e 15 de março de 2013.

²² Ver anexos.

Assim sendo, planeei e planifiquei todas as minhas aulas de acordo com o tema referido, tendo como objetivo final, a realização de uma performance, onde seriam apresentadas várias obras musicais e alguns trabalhos oriundos da relação existente entre a música e a imagem. Contudo, por falta de tempo, só foi possível a apresentação de um arranjo²³ de uma obra denominada *Memory*, do musical *Cats* e de alguns trabalhos de grupo realizados pelos alunos.

A organização da minha PES foi feita de acordo com a planificação semestral²⁴ da disciplina de Música, adotada na escola onde a mesma foi realizada, e seguindo as orientações fornecidas pela professora cooperante. Portanto, considero que seja importante mencionar que a turma escolhida foi a turma G do 8º ano de escolaridade, como tal, as aulas decorreram às quartas-feiras de manhã entre a 10:15h e as 11:45h, com a duração de 90 minutos.

Sendo o tema escolhido *Música e Imagem*, todo o processo de organização esteve intrinsecamente relacionado com o mesmo.

Considero que seja importante referir mencionando os conteúdos programáticos abordados, o ritmo (compasso composto), a altura (instrumentos de altura definida – flauta de bisel instrumental Orff), o timbre e a forma (ABA), que, sendo o objetivo da minha PES, proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem que pudesse ser apresentada ao público, todas as aulas incidiram sobre o tema *Música e Imagem* e sob a preparação dessa referida apresentação final.

Assim, como no capítulo anterior, o presente capítulo tem como objetivo expor variadas questões inerentes à minha PES no 3º ciclo do EB. Deste modo, é apresentada uma caracterização do meio escolar onde foi realizada a referida PES, uma caracterização da escola e da turma, seguindo-se a descrição e reflexão, fundamentada das experiências de aprendizagem proporcionadas aos alunos do 3º ciclo do EB.

²³ Ver apêndice C.

²⁴ Ver anexos.

3.1. Contextualização do Meio Escolar

3.1.1. 3º Ciclo do Ensino Básico

O principal documento utilizado para realizar e fundamentar este tópico foi o *Projecto Educativo*²⁵ de 2009 a 2012 referente ao Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Pinto Vasconcelos, uma vez que a minha Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo foi desenvolvida no mesmo, mais precisamente na freguesia de Freamunde, pertencente ao concelho de Paços de Ferreira, do distrito do Porto (Imagem1).

A freguesia de Freamunde apresenta um elevado número de habitantes, é uma freguesia que está bem situada, na mediada em que está rodeada de infraestruturas que oferecem aos cidadãos uma boa qualidade de vida, como por exemplo, uma Junta de Freguesia sempre disposta a cooperar com a população, várias superfícies comerciais diversificadas, várias farmácias, vários estabelecimentos dedicados ao lazer e à diversão, entre outros.

A população demonstra-se de bom senso, sendo acolhedora e afável, proporcionando, deste modo, um ambiente calmo e sem grandes perigos.

A nível visual, tanto a freguesia, Freamunde, como o concelho que a alberga, Paços de Ferreira, são bastante apelativos, pois, apresentam uma paisagem que apela ao rústico, misturado com o moderno, tendo ainda o verde da Natureza para a complementar.



Imagem 4. Localização da freguesia de Freamunde

²⁵Obtido a 14 de dezembro de 2012 em http://www.e-dr-m-pinto-vasconcelos.rcts.pt/artigos_joomla/docs/projectoeducativo_DRMPV.pdf.

3.2. Caracterização da Escola

3.2.1. Escola do 3º Ciclo do Ensino Básico

A Escola Básica e Secundária de Freamunde é a escola sede do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Pinto Vasconcelos. Este Agrupamento alberga três freguesias do concelho de Paços de Ferreira (a freguesia de Freamunde, de Raimonda e de Figueiró) onde estão localizadas, a Escola EB23 Dr. Manuel Pinto Vasconcelos, a Escola Básica e Secundária de Freamunde, a Escola Básica de Freamunde, a Escola EB1 da Raimonda, o Jardim de Infância de Groute (Raimonda) e a Escola Básica de Figueiró.

A população escolar do Agrupamento ronda os 2215 alunos, que estão distribuídos pelas referidas escolas e são oriundos de meios socioeconómicos desfavorecidos, uma vez que, aproximadamente, 61,1 % dos alunos beneficiam de auxílio económico por parte da Ação Social Escolar.

Situada no coração de Freamunde, a Escola Básica e Secundária de Freamunde, está rodeada de várias urbanizações. É dona de um *design* moderno, uma vez que foi construída no ano de 2011 e tem apenas uma sala de Música que é denominada como *Sala de Educação Musical*, que foi, precisamente, onde decorreu a minha PES.



Imagem 5. Escola Básica e Secundária de Freamunde

A referida sala, é dotada de excelentes condições. É bastante ampla, as mesas estão dispostas em quatro filas (as duas filas dos extremos são compostas por três mesas, enquanto que as outras duas do meio por quatro) e quando entramos na sala, na parede do lado esquerdo, encontramos um quadro de cortiça e um quadro pautado. A secretária do professor é, também, bastante espaçosa, tendo um computador sempre pronto a ser utilizado e ainda, logo em frente à secretária, existe um teclado, também ele, em ótimas condições. Instrumentos musicais, como flautas de bisel, pandeiretas, caixas chinesas, entre outros, assim como uma coluna de som e estantes, estão guardados num armário que está encostado a uma parede.

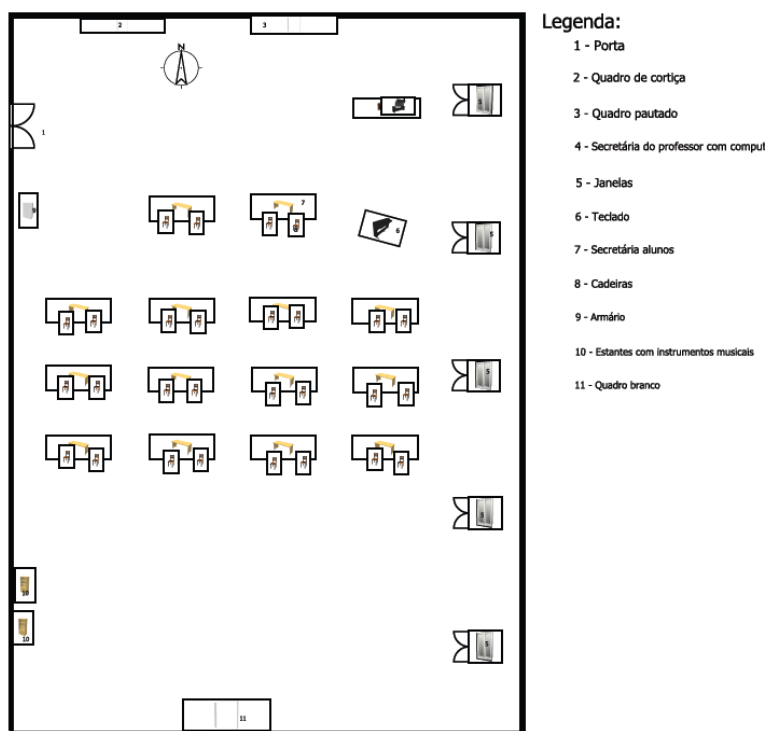


Figura 5. Planta da sala de aula (3.º ciclo)

No fundo da sala, existe um enorme espaço vazio, proporcionando a possibilidade da realização de determinadas atividades mais dinâmicas, um outro quadro branco (colocado na parede do fundo) e duas estantes com instrumentos musicais, como por exemplo, metalofones, xilofones, bongós, jogos de sinos, entre outros.

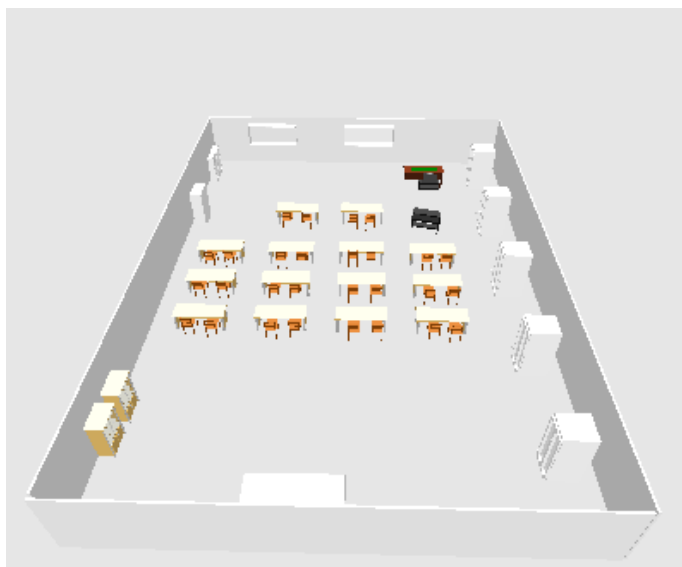


Figura 6. Planta da sala de aula em 3D (3.º ciclo)

3.3. Caracterização da Turma

3.3.1. Turma do 3º Ciclo do Ensino Básico

A informação adquirida para a realização deste tópico foi conseguida através de um inquérito²⁶ feito aos alunos da turma do 8ºG que, inicialmente era composta por 28 alunos, contudo, ficou reduzida a 27, um aluno foi transferido para outra escola. Como tal, a turma é constituída por 13 alunos do sexo feminino e 14 do sexo masculino, têm idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos de idade, 26 alunos são de nacionalidade portuguesa e um de nacionalidade francesa. A nível de reprovações de ano, cinco alunos reprovaram um ano de escolaridade e três reprovaram dois.

²⁶ Ver apêndice C.

A maioria reside em Freamunde, fazendo a sua deslocação para a escola a pé ou de carro, sendo que, apenas três alunos utilizam o autocarro como meio de transporte. A nível de ocupação dos tempos livres, a maioria referiu que jogar computador e ouvir música eram as suas atividades preferidas. A disciplina apontada, pela maior parte dos alunos da turma, como sendo a preferida foi a disciplina de Educação Física e a disciplina de Língua Portuguesa como aquela em que os mesmos têm mais dificuldades.

O agregado familiar, no caso de 17 alunos, é constituído por pai, mãe e filhos; seis alunos referem o pai, a mãe, os filhos e os avós, como sendo o seu agregado familiar; no caso de dois alunos, o mesmo é constituído pela mãe; um aluno tem como agregado familiar o pai, os filhos e os avós e por fim, um aluno refere que o seu agregado familiar é composto pelos seus pais adotivos.

A nível de apoios por parte dos serviços de ação social, 13 alunos não dispõem de qualquer tipo de apoio, nove usufruem do escalão B e cinco do escalão A.

3.4. Experiências de Aprendizagem

3.4.1. Descrição e Reflexão Crítica no 3.º Ciclo do Ensino Básico

Segundo a planificação semestral da disciplina de Música²⁷ para o 8.º ano de escolaridade em vigor na Escola Básica e Secundária de Freamunde, o tema aglutinador era *Sons e Sentidos*, dividindo-se, o mesmo, em três temas transversais, *Sons e Sentidos*, *Melodias e Arranjos* e *Música e Multimédia* que, por sua vez, têm determinados Organizadores de Aprendizagem que lhes estão, respetivamente, associados e, recorrendo a esta mesma planificação, deparei-me com o tema que, posteriormente, se tornou o tema aglutinador do meu projeto desenvolvido no 3º Ciclo do EB, o tema *Música e Imagem*.

²⁷ Ver anexos.

Aliar a música a outras áreas, é certo, como já foi referido e fundamentado, neste documento, que traz enormes benefícios ao desenvolvimento do aluno, assim, pareceu-me acertado relacionar a música com a imagem. Numa primeira fase, a relação entre a música e os anúncios de televisão foi abordada, seguindo-se a relação entre a música e o cinema/teatro, de onde emergem os *musicais*, que são obras que culminam a arte da música com a do teatro/representação. Assim, por parte dos alunos, houve uma “compreensão das relações entre a música e os diferentes contextos” (Ministério da Educação, 2001, p.168) que, é um elemento essencial “na formação artístico-musical” (Ministério da Educação, 2001, p. 168).

Continuando nesta linha de relacionar a música com a imagem, agora mais precisamente, fazendo referência aos musicais, surge, a interpretação instrumental de um arranjo do tema *Memory*, pertencente ao musical denominado *Cats*, a ser apresentado no final da minha PES, ocupando, deste modo, um papel de destaque. Assim, a minha Prática de Ensino Supervisionada incidiu na prática instrumental (flauta e instrumentos de percussão), sendo que, uma das situações de aprendizagem que é parte integrante no ensino da música no 3º Ciclo do EB é, precisamente “Ensaia e apresenta publicamente interpretações (...) em grupo de peças musicais” (Ministério da Educação, 2001, p. 173).

O trabalho de interpretação instrumental desenvolvido com os alunos foi realizado tendo como base, primeiro a prática e a vivência e depois a teoria, indo ao encontro do que Cunha (2005, p.18), seguindo a perspetiva de Carl Orff, menciona, referindo que “O participante, a criança ou o adulto, tem que sentir, vivenciar, desfrutar, actuar, interagir e, assim desenvolver aspectos cognitivos e afectivos (...)” (p.18). Deste modo, primeiramente, a interpretação do tema foi lecionada, sem recorrer a nenhum tipo de aspeto teórico, onde, posteriormente, esse aspeto se fez sentir, analisando a partitura e associando o que estávamos a tocar ao que estava escrito, relacionando determinados conteúdos de aprendizagem, nomeadamente, o ritmo (compasso composto), a altura (instrumentos de altura definida – flauta de bisel e instrumental Orff), o timbre e a forma (ABA).

Fazendo, agora, apenas referência à metodologia utilizada para a aprendizagem instrumental do tema, tanto a parte da melodia, executada pelas flautas, como a parte de

percussão, caixa chinesa, pratos, clavas e bombo, começo por citar uma frase de Fonterrada (2008, p.175), que se refere ao método de Suzuki: “a criança aprende por repetição e memorização”. Deste modo, é fácil entender-se que, primeiramente, referindo-me à flauta de bisel, os alunos, com a mesma colocada no queixo, iam imitando o que eu fazia, entoando, ao mesmo tempo, as notas musicais correspondentes. No naipe da percussão, acontecia a mesma situação, eu fazia e eles imitavam. Fazendo com os alunos fossem memorizando o que tinham que tocar. Seguindo-se, depois, a introdução à teoria, analisando, como já foi mencionado anteriormente, a partitura da obra e introduzindo os conteúdos. Assim, recorrendo a Cruz (s.d., p.8), que faz referência a Kodaly, “a Teoria Musical só pode aparecer na Educação Musical, depois do que é realmente importante: a Prática Musical!”

Considero que seja importante referir que a minha PES também incidiu sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação, proporcionando aos alunos uma outra experiência de aprendizagem, sendo que, “Os diferentes programas educativos e formativos relacionados com a criação, edição, gravação, notação e tratamento de som, assim como os recursos da rede de Internet, são instrumentos que devem fazer parte dos quotidianos educativos, formativos e artísticos” (Ministério da Educação, 2001, p. 168).

Como tal, foi proposto aos alunos que em grupos, tendo como tema aglutinador *Música e Imagem*, realizassem um trabalho recorrendo à produção de um vídeo, onde o principal objetivo era relacionar o conceito de *Música e Imagem*, de forma a criar uma ligação entre os mesmos, ou seja, os alunos tinham que escolher uma música erudita e interpretá-la através de imagens (imagens de outros ou imagens capturadas por eles próprios, através da fotografia ou da filmagem), criando uma conexão plausível entre a música e as imagens escolhidas. Para a realização do trabalho, foi imposto a utilização do *software Audacity*, uma vez que os alunos, já sabiam manuseá-lo de forma plausível. Considero que seja ainda importante referir que estes trabalhos foram submetidos a avaliação, que foi realizada, por sua vez, em conjunto com os alunos, oferecendo, à opinião/avaliação dos mesmos, uma determinada percentagem, que influenciou a nota final.

Assim, todas as aulas da minha PES conceberam-se seguindo a mesma linha, já referida, ou seja, eram aulas dinâmicas, em que os alunos tocavam e vivenciavam música, no entanto, apraz-me mencionar que nem todas elas correram bem, pois, em algumas, quando os resultados não se faziam sentir, os alunos ficavam desmotivados e sem ânimo, o que, dificultou, por vezes, a dinâmica das aulas. No entanto, o balanço final é positivo, pois, o projeto foi apresentado, num espetáculo denominado *Marés Sonoras*, e os alunos mostraram-se responsáveis, entusiasmados e contentes com o resultado final, sendo que “a música adquire sentido no âmbito da realização de práticas artísticas” (Ministério da Educação, 2001, p.168). Como tal, o objetivo da minha PES, no 3.º Ciclo do Ensino Básico foi cumprido, uma vez que foi possível proporcionar aos alunos as referidas experiências de aprendizagem, fazendo com que os mesmos se enriquecessem a todos os níveis.

Síntese

O conhecimento é algo que, de uma forma ou de outra, sempre esteve presente na vida do ser humano, sendo que, é a educação, que é atribuído o papel de ensinar, ou seja, o papel de oferecer conhecimento, uma vez que “ Desta forma, o conhecimento é o resultado do pensamento, das interações que se estabelecem entre o sujeito e o objeto a ser conhecido” (Cruvinel, 2005, p.27).

Como tal, a minha PES no 3.ºCiclo do EB, alicerçou-se na tentativa de construir conhecimento, de ensinar e de proporcionar experiências de aprendizagem enriquecedoras para o desenvolvimento, a todos os níveis (intelectual, social, afetivo,), do aluno.

Para concluir, apenas referir que penso que o objetivo deste terceiro capítulo foi atingido, na medida em que, quem o lê, consegue ter uma perceção ampliada do

desenvolvimento da minha Prática de Ensino Supervisionada no 3.º Ciclo do Ensino Básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da realização da minha Prática de Ensino Supervisionada nos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, alguns objetivos foram definidos, outros foram-se mostrando inviáveis e outros foram-se alterando, sendo que a minha prática pedagógica foi planeada à volta desses mesmo objetivos, que por sua vez, foram cumpridos.

Assim, mencionando Cruz (s.d., p.5), que refere “que Gordon frisou que na relação professor-aluno há um ganho mútuo: o professor deve ensinar o que aprendeu e ir aprendendo com os alunos”, afirmo que aprendi muito com a minha PES, com os meus alunos. Pois, só com a prática e com a noção das realidades existentes nas salas de aula é que nos tornamos verdadeiramente professores, surgindo o processo de ensino-aprendizagem.

Em relação às minhas expectativas referentes à PES, posso afirmar que estas foram alcançadas, ou até mesmo superadas, pois, talvez pelo bom ambiente que me rodeou, a nível de instituições e de professores cooperantes, penso que consegui tirar um enorme proveito destes estágios, dando-me motivação, ideias e gosto pelo trabalho que foi desenvolvido, facto este que transpareceu para os alunos, fazendo com que os mesmos também estivessem motivados.

Contudo, o caminho percorrido nem sempre foi fácil, pois, falhas inerentes à minha docência, como por exemplo, más estratégias, falta de autoridade, assim como a existência de comportamentos pouco adequados ao espaço da sala de aula, por parte de alguns alunos, dificultaram, por vezes, o trabalho a ser realizado. No entanto, os objetivos foram cumpridos, e, olhando para o desenvolvimento de toda a minha Prática de Ensino Supervisionada, posso afirmar que a mesma possuiu um início, um meio e um fim, ou seja, todo o trabalho foi pensado, planificado e realizado, demonstrando que a música é uma mais-valia para o educando e que deve ser fomentada nas nossas escolas, sendo que estas falhas vão contribuir, e muito, para o meu trabalho futuro.

A realização da Prática de Ensino Supervisionada mostrou-me o mundo educacional com todas as suas vertentes, com todos os seus defeitos e qualidades, preparando-me para o futuro. Um futuro como docente que acredita, recorrendo a

Fonterrada (2008, p.165), que menciona o que é defendido por Suzuki, “que toda a criança, potencialmente, tem a capacidade para aprender música, do mesmo modo que para aprender a falar a língua do seu país (...)”. Assim, toda a criança deve ser valorizada, pertencendo aos professores a tarefa de ensinar o aluno a aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, M. (1999). *O prazer de ouvir música*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Baradel, C. (2007). Didática: Contributos Teóricos e Concepções de Professores [Em linha]. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Carina%20Baradel%20-%20Final.pdf>. [Consultado a 23/05/2013].
- Beyer, E. e Kebach, P. (2009). *Pedagogia da Música. Experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Bourscheidt, L. *A Aprendizagem musical por meio da utilização do conceito de totalidade do sistema Orff/Wuytack*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.artes.ufpr.br/musica/mestrado/dissertacoes/2008/dissertacao_bourscheidt_luis.pdf. [Consultado a 23/05/2013].
- Ciência, M. d. (2012). *Revisão da Estrutura Curricular*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Cruvinel, F. (2005). *Educação Musical e Transformação Social*. Brasil: Goiânia.
- Cunha, J. (2005). *Orff-Schuwerk em Portugal: Realidade ou utopia na formação de Professores de Educação Musical*. Braga: Universidade do Minho.
- Cruz, C. (s.d.). Conceito de Educação Musical de Zoltan Kodály e Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/1442/1/conceito_1995.pdf. [Consultado a 29/05/2013]
- Educação, M. d. (2001). *MÚSICA Orientações Curriculares 3º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação, departamento de Educação Básica.
- Fonterrada, M. (2008). *De Tramas e Fios*. Brasil: Editora Unesp.
- Ferraz, M. (2011). *Educação Expressiva. Um Novo Paradigma Educativo*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. (2005). *Teoria de Aprendizagem Musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leão, D. (1999, julho). Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. *Cadernos de pesquisa*, 107, 187-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>. [Consultado a 30/05/2013].

Longus, V. (2011/2013). *Projecto Curricular*. Valongo: Agrupamento de Escolas Vallis Longus. Disponível em: <http://www.avvl.pt/images/stories/Documentos/projecto-curricular-2010-13.pdf>. [Consultado a 21/01/2012].

Longus, V. (2010/2013). *Projecto Educativo*. Valongo: Agrupamento de Escolas Vallis Longus. Disponível em: <http://www.avvl.pt/images/stories/Documentos/projetoeducati-vo2.pdf>. [Consultado a 21/01/2012].

Machado, M. *Expressão Musical em atividades de enriquecimento curricular: Estudo exploratório no centro escolar de Nossa Senhora do Pópulo*. Dissertação (Mestrado em Arte e Educação) - Universidade aberta, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2380/1/MAE-MARIA%20JOAO%20VELOSO.pdf>. [Consultado a 01/06/2013].

Marques, R. (1999). *Modelos Pedagógicos Actuais*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Mattos, L. (s.d.). *Sumário de Didática Geral*. Rio de Janeiro: Editora Aurora.

Ministério, d. E. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Disponível em: <http://www.dgicd.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>. [Consultado a 14/01/2012].

Not. L. (1991). *Ensinar e Fazer Aprender*. Rio Tinto: Edições ASA.

Patrício, M. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, A. (s.d.). A voz cantada infantil: Pedagogia e didáctica. *Revista APEM*, 33-45. Disponível em: http://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/artigo_apem_voz_pdf.pdf. [Acedido a 02/06/2013].

Ponte, J. (s.d.). Didácticas: Que desafios? [Em linha]. Disponível em: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20\(Didactica-Evora\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20(Didactica-Evora).pdf). [Consultado a 07/06/2013].

Roldão, M. (2010). *Estratégias de Ensino*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Santos, V. (2003). O que fazer na sala de aula: didáctica, metodologia ou nada disso?. *Dialogia*, 137-148. Disponível em: <http://www.unibarretos.edu.br/v3/faculdade/images/nucleo-apoio-docente/pesquisa%20sala%20de%20aula6.pdf>. [Acedido a 01/06/2013].

Schafer, R. (1997). *A afinação do mundo*. Brasil: Editora Unesp.

Sousa, M. *Música, Educação Artística e Interculturalidade – A alma da arte na descoberta do outro*. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008. Disponível em: http://www.google.pt/#sclient=psyab&q=m%C3%BAAsica+educa%C3%A7%C3%A3o+art%C3%ADstica+e+interculturalidade+Maria+do+Ros%C3%A1rio+Sousa+pdf&oq=m%C3%BAAsica+educa%C3%A7%C3%A3o+art%C3%ADstica+e+interculturalidade+Maria+do+Ros%C3%A1rio+Sousa+pdf&gs_l=hp.3...7644.8600.2.9041.4.4.0.0.0.0.243.866.0j1j3.4.0...0.0...1c.1.16.hp.7gTfAGFFEW E&psj=1&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.47534661,d.ZWU&fp=f7a0d0cb4e822143&biw=1024&bih=506. [Consultado a 29/05/2013].

Vasconcelos, M. P. (2009/2012). *Projeto Educativo*. Freamunde: Agrupamento de Escola Dr. Manuel Pinto Vasconcelos. Disponível em: http://www.e-dr-m-pinto-vasconcelos.rcts.pt/artigos_joomla/docs/projectoeducativo_DRMPV.pdf. [Consultado a 14/12/2012].

Webber, A. (s.d.). *Cats*. Londres: West Central Printing Co. Ltd.

Zaragoza, J. (2009). *Didáctica de la música en la educación secundaria*. Barcelona: Edición Graó.

Legislação Portuguesa Consultada

Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de Janeiro.

Despacho n.º 15971/2012. Diário da República, 2.ª série — N.º 242 — 14 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://dre.pt/pdf2sdip/2012/12/242000000/3985339854.pdf>. [Consultado a 22/12/2012].

Despacho n.º 17169/2011. Diário da República, 2ª Série – N.º 245-23 de dezembro de 2011. Disponível em: http://www.gave.minedu.pt/np3content/?newsId=31&fileNae=Despacho_n___171692011_CNEB.pdf. [Consultado a 22/12/2012].

APÊNDICES

APÊNDICE A – 1.º Ciclo do Ensino Básico

➤ **Letra das canções**

Oh América – Oh Suzana

A caminho da América
Com o meu banjo na mão
Percorri muitos caminhos
Pra encontrar meu coração

Quando que aqui cheguei
E vos encontrei todos iguais
Novas musicas eu trouxe
Pra deixarem as banais

Oh América não chores mais por mim
Sabes que eu vou voltar e ficar bem perto de ti!

Gosto do verão – El Bodeguero

Eu gosto do verão
De passear...de cantar e de dançar
Sem ter nada para fazer
Apenas um refresco pra beber...

De manhã até à noite
Eu sou feliz e quero mais é me divertir
Dançar e pular, também cantar
Fazer tudo, menos trabalhar...

No inverno, o frio vem
E com ele a chuva também
Eu gosto é do calor
Sem o casaco pra pôr!

Gosto do verão, adoro o verão!
Gosto do verão, adoro o verão.

A formiga rabina - Rap

Olha a formiga, a rabina
A carregar um grande espiga
Leva arroz, leva feijão
E também leva bocadinhos de pão

Não para nem para falar
Nem sequer para namorar
Não dança e também não ri
Com ela nunca ninguém descansa!

APÊNDICE B – 2.º Ciclo do Ensino Básico

➤ Cartões ilustrados



➤ **Partituras**

- My Heart Will Go On - Titanic

My Heart Will Go On
Titanic
Autor: Will Jennings

7
14
20 D.C.

- Mamma Mia

Mamma mia
ABBA

5
9

APÊNDICE C – 3.º Ciclo do Ensino Básico

➤ **Questionário utilizado para a obtenção de informação referente à caracterização da turma**

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. MANUEL PINTO DE VASCONCELOS



Nome _____ Ano ____ N° ____ Turma _____

Data de nascimento _____

Nacionalidade _____

Qual o escalão que tens _____

Morada _____

Como te deslocas para a escola? _____ Qual a distância percorres de casa até à escola? _____

O que costumas fazer nos teus tempos livres? _____

Onde costumas fazer as tuas refeições? P. almoço _____ Almoço _____ Jantar _____

És um aluno assíduo e pontual? _____

Qual é a tua disciplina preferida? _____

Qual a disciplina que tens mais dificuldades? _____

Qual o tipo de atividade que mais gostas de realizar na sala de aula? _____

Reprovaste em algum ano de escolaridade? Qual? _____

Tens apoio a alguma disciplina? Qual? _____

Gostas de estudar? _____

Quanto tempo, em média, estudas por dia? _____

Qual a parte da casa onde costumar estudar com mais frequência? _____

Estudas com a ajuda de outra pessoa? Quem? _____

Ambicionas tirar um curso superior? Em quê? _____

Por quem é composto o teu agregado familiar? _____

Com quem vives? _____

Quem é o teu Encarregado de Educação? _____

Qual a idade dos teus pais e qual a profissão deles? _____

Quais as habilitações literárias dos teus pais? _____

Partitura do arranjo para flauta e instrumental *Orff* da obra *Memory* de Andrew Lloyd Webber²⁸

MEMORY

Andrew Lloyd Webber

The image displays a musical score for the piece "Memory" by Andrew Lloyd Webber. The score is arranged for a flute and an Orff ensemble. It consists of two systems of staves. The first system includes staves for Flauta, Xilof. S (Xilof. A), Jogo de Sinos 1, Jogo de Sinos 2, and Xilofone Baixo. The second system includes staves for Flauta, Xilof. S (Xilof. A), Jogo de Sinos 1, Jogo de Sinos 2, and Xilofone Baixo. The time signature is 12/8. The Flauta part begins with a measure rest in the first system and then plays a melodic line in the second system. The Xilof. S and Xilof. A parts play a rhythmic pattern of eighth notes. The Jogo de Sinos 1 and 2 parts play a simple rhythmic pattern of eighth notes. The Xilofone Baixo part plays a simple rhythmic pattern of eighth notes. The score is marked with a 3 above the Flauta staff in the second system, indicating a triplet.

²⁸ Para a edição da partitura foi utilizado o *software* Sibelius 7.

2

5

Flauta

Xilof.S
Xilof.A

Jogo de Sinos1

Jogo de Sinos2

Xilofone Baixo

8

1.

Flauta

Xilof.S
Xilof.A

Jogo de Sinos1

Jogo de Sinos2

Xilofone Baixo

11

Flauta

Xilof.S
Xilof.A

Jogo de Sinos1

Jogo de Sinos2

Xilofone Baixo

14

Flauta

Xilof.S
Xilof.A

Jogo de Sinos1

Jogo de Sinos2

Xilofone Baixo

4 18

Flauta

Xilof.S
Xilof.A

Jogo de Sinos1

Jogo de Sinos2

Xilofone Baixo

Detailed description: This block contains the musical notation for measures 18, 19, and 20. The Flauta part is silent, indicated by a whole rest. The Xilofone parts (S and A) are also silent. The two Jogo de Sinos parts play a rhythmic pattern of eighth notes. The Xilofone Baixo part plays a bass line consisting of eighth notes.

21

Flauta

Xilof.S
Xilof.A

Jogo de Sinos1

Jogo de Sinos2

Xilofone Baixo

Detailed description: This block contains the musical notation for measures 21, 22, and 23. The Flauta part plays a melodic line with eighth notes. The Xilofone parts (S and A) play a rhythmic pattern of eighth notes. The two Jogo de Sinos parts are silent. The Xilofone Baixo part plays a bass line consisting of eighth notes.

23

Flauta

Xilof. S
Xilof. A

Jogo de Sinos 1

Jogo de Sinos 2

Xilofone Baixo

26

Flauta

Xilof. S
Xilof. A

Jogo de Sinos 1

Jogo de Sinos 2

Xilofone Baixo

➤ Cartaz da apresentação final



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



ANEXOS

**ANEXO A – Documentos referentes à Escola Básica e
Secundária de Freamunde**

➤ **Planificação semestral da disciplina de Música para o 8º ano do EB da Escola Básica e Secundária de Freamunde**

Agrupamento de escolas Dr. Manuel Pinto Vasconcelos
Escola Básica e Secundária de Freamunde



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Planificação semestral de Música (2º ciclo) - 8º ano
Ano letivo 2012-13

TEMA AGLUTINADOR		SONS E SENTIDOS		
TEMAS TRANSVERSAIS		Sons e Sentidos (Processos de criação musical)	Melodias e Arranjos (Em torno da canção)	Músicas e Multimédia (As diferentes utilizações dos materiais sonoros e musicais)
Síntese das temáticas musicais		Exploração, manipulação e compreensão dos diferentes processos de criação musical através da experimentação, composição, interpretação e representações gráficas dos sons.	Compreensão das diferentes formas de criação, composição e arranjos de melodias e canções.	Exploração, compreensão e manipulação de diferentes materiais sonoros e musicais para a produção de determinados efeitos comunicacionais, estéticos e outros.
Organizações de Aprendizagem	Interpretação e comunicação	Canta e toca, individual e coletivamente, peças musicais com propósitos comunicacionais e estéticos diferenciados, utilizando técnicas e práticas musicais apropriadas e contextualizadas. Reflete sobre as interpretações realizadas e avalia-as crítica e informadamente.	Compreensão das diferentes formas de criação, composição e arranjos de melodias e canções. Canta e toca, individual e coletivamente, peças musicais com arranjos diferentes, em função dos seus propósitos comunicacionais e estéticos.	Exploração, compreensão e manipulação de diferentes materiais sonoros e musicais para a produção de determinados efeitos comunicacionais, estéticos e outros. Utiliza diferentes tipos de sons acústicos ou eletrónicos a interpretação musical, interligando diferentes media e áreas artísticas e do conhecimento.
	Criação e experimentação	Explora, cria e improvisa sobre materiais sonoros e musicais com propósitos comunicacionais e estéticos diferentes. Explora saberes e conhecimentos de tradições artísticas diferenciadas, do passado e do presente para a criação musical.	Utiliza diferentes pontos de partida para a criação e arranjo de melodias. Explora, experiencia, arranja, improvisa e cria materiais sonoros e musicais. Cria diferentes arranjos musicais, em função dos propósitos comunicacionais e estéticos.	Explora, experiencia, arranja, improvisa e cria a partir de sons acústicos e eletrónicos, partindo de diferentes pressupostos comunicacionais, interligando diferentes media e áreas artísticas e do conhecimento.
	Perceção sonora e musical	Analisa, compreende e descreve elementos sonoros, através da audição e da prática vocal e instrumental, utilizando vocabulário apropriado, de acordo com o contexto. Avalia e compara diversas obras musicais de géneros e estilos diferenciados, em função dos seus objetivos estéticos e comunicacionais.	Investiga e analisa os diferentes processos de composição e arranjo, tendo por base pontos de partida musicais e não musicais. Compreende diferentes organizações sonoras, de acordo com estéticas e pressupostos comunicacionais diferenciados.	Investiga e compara a forma como os materiais sonoros são organizados e manipulados nos diferentes media e áreas artísticas, de acordo com os seus propósitos estéticos e comunicacionais.
	Culturas musicais nos	Compreende a música como construção social e	identifica e conhece obras de diferentes culturas, géneros e estilos, com arranjos para tipos	Compreende a forma como os diferentes materiais sonoros e musicais são utilizados nos diferentes

ANEXOS

contextos	cultural. Investiga obras musicais como expressões de identidade individual e coletiva. Compreende a relação entre a música e as outras artes e áreas do conhecimento.	diferenciados de instrumentos e voz.	media e expressões artísticas de origens culturais diversas com objetivos comunicacionais específicos.
Situações de Aprendizagem	Interpretação musical e coreográfica de obras oriundas de diversas culturas musicais e respetiva análise estrutural; audições/visualização de obras musicais e coreográficas oriundas de diversas culturas musicais, com a respetiva análise e investigação do contexto; propostas de atividades de exploração, experimentação e criação musical e coreográfica com base nos princípios, pressupostos e convenções de diversas culturas musicais; propostas de investigação e comparação de diversos modos de organização e estruturação formal.		
Metodologias	Audições comentadas; execução de esquemas rítmicos corporais; interpretação em flauta; interpretação em Instrumental Orff; interpretação vocal; interpretação e criação de coreografias; improvisações e composições rítmicas e melódicas; visionamento de vídeos.		

		Conteúdos	Conceitos	Organizadores de Aprendizagem	Avaliação	Recursos	
Música Movimento	Música Instrumental	Música Instrumental: relação entre sentido, ideia e gesto musical. Música programática. Autores e obras de referência.	Música descritiva; música programática; música absoluta, poema sinfónico, límbre, altura harmonia, intervalo, cotineto, arioso, remix.	Interpretação e comunicação: - toca e canta sozinho e em grupo, com a técnica correta e respetando o andamento; - avalia a interpretação, usando vocabulário apropriado.	- interpretação musical individual e em grupo, com registo em grelha própria; - fichas de avaliação formativa; - fichas de avaliação global de cada unidade; - trabalhos individuais; - trabalhos de grupo.	Computador com acesso à Web; Colunas de som; Projetor multimédia; Flauta; Instrumentos de sala de aula.	1 sessão (*)
	Música e palavra	Música cantada; A voz como instrumento rítmico. Relação texto/música: perspetiva histórica.	Monotímia, poliritmia. Mollete, cantochão, canto gregoriano, polifonia, monodia.	Perceção sonora e musical: - identifica auditivamente classes de instrumentos através do límbre; - identifica auditivamente andamentos, dinâmicas e movimentos sonoros; - identifica e descrever a relação texto-música; - caracteriza emoções e ideias implícitas no gesto musical; - mantém o andamento quando interpreta em grupo; - identifica num arioso que interpreta semelhanças com o obra original.			1 sessão
Formas e Estiluras	Música e Ação: Ópera	Contexto histórico-social Obras e autores de referência: - Monteverdi; - Mozart; - Wagner.	Ópera, oratória, tonalidade maior e menor, consonância, monodia, modo, prima pratica e secunde pratica, giga, suite, drama musical, leitmotiv, musical.	Criação e experimentação:			1 sessão
	Cin. Musicais	Estilo musical nos musicais. Obras e autores de referência: - Bernstein; - Lloyd Weber.					1 sessão

Música e Imagem	Cinema	A relação entre a música e a imagem animada. Perspetiva histórica: do cinema mudo aos dias de hoje. Obras e autores de referência.	Vitaphone, vaudeville, jazz, media, suspense, acordes dissonantes, cotineto, cornelimos, contraste tímbrico, pop, acelerando e ritardando, idiofonos, orquestra, piano, banda rock dinâmica, staccato e legato, andamento: allegro, edagio e presto; cotineto, compasso misto.	- Integre-se na criação musical em grupo; - experimenta e seleciona materiais para a criação musical, de acordo com o contexto; - cria um arioso para uma obra pré-existente. Cultura musical no contexto: - analisa/comenta ariosos de uma mesma obra musical; - identifica aspetos característicos de um determinado período histórico ou estilo musical; - reconhece a intenção e originalidade de música produzida.			2 sessões
	Televisão	A utilização da música em contexto televisivo. Obras de referência.					2 sessões
Para além das sessões indicadas, será desejável considerar-se ainda:							
Apresentação; Funcionamento da disciplina Atividades de diagnóstico							1 sessão
Atividades formativas Teste prático							2 sessões
Atividades formativas Teste escrito							2 sessões
Atividades formativas e de preparação dos trabalhos de grupo/individuais Apresentação de trabalhos							2 sessões
Avaliação das atividades letivas (autoavaliação e heteroavaliação)							1 sessão

(*) Cada sessão corresponde a um bloco de aulas de 90 minutos

➤ **CrITÉrios de avaliaÇão de MÚsica para o 3º ciclo do EB da Escola Básica e Secundária de Freamunde**

Música e Imagem	Cinema	A relação entre a música e a imagem animada. Perspetiva histórica: do cinema mudo aos dias de hoje. Obras e autores de referência.	Vitaphone, vaudeville, jazz, media, suspense, acordes dissonantes, cotineta, cromatismo, contraste tímbrico, pop, acelerando e ritardando, idiofone, orquestra, piano, banda rock dinâmica, staccato e legato, andamento: allegro, adagio e presto; cotineta, compasso misto.	<ul style="list-style-type: none"> - integra-se na criação musical em grupo; - experimenta e seleciona materiais para a criação musical, de acordo com o conteúdo; - cria um arranjo para uma obra pré-existente. Cultura musical no contexto: <ul style="list-style-type: none"> - analisa/comenta arranjos de uma mesma obra musical; - identifica aspetos característicos de um determinado período histórico ou estilo musical; - reconhece a intenção e originalidade da música produzida. 			2 sessões
	Televisão	A utilização da música em contexto televisivo. Obras de referência.					2 sessões
Para além das sessões indicadas, será desejável considerar-se ainda:							
Apresentação; Funcionamento da disciplina							1 sessão
Atividades de diagnóstico							1 sessão
Atividades formativas							2 sessões
Teste prático							2 sessões
Atividades formativas							2 sessões
Teste escrito							2 sessões
Atividades formativas e de preparação dos trabalhos de grupo/individuais							2 sessões
Apresentação de trabalhos							2 sessões
Avaliação das atividades letivas (autoavaliação e heteroavaliação)							1 sessão

[*] Cada sessão corresponde a um bloco de aulas de 90 minutos

